

GONÇALVES DIAS E A RAÇA AMERICANA⁶⁶

Raimundo Lopes

Um dos aspectos mais notáveis da personalidade do excelso poeta, uma das características de sua formação artística e cultural, é a sua preocupação, como homem, como poeta e como sábio, pelo grande problema humano e nacional do indígena.

Etnógrafo, historiador e cantor da raça americana, a estirpe perseguida, cujo sangue lhe veio às veias no próprio sangue materno, constituiu ao mesmo tempo, para ele, um campo de estudo, uma causa a defender e uma fonte de inspiração. A voz misteriosa do gênio da raça falava-lhe ao coração e ao espírito. Ele merece, verdadeiramente, no campo da ideação, o nome de sumo representante da raça americana na formação nacional brasileira.

Antes e depois dele, muitos outros espíritos superiores se ocuparam do índio; nenhum, porém, realizou integralmente, como o egrégio cantor d'*Os timbiras*, a missão complexa, que o singularizava e nele personificava o espírito da raça.

Devemos observar que a expressão “raça americana” é por nós empregada sem pressupostos antropológicos, sendo embora incontestável, apesar da enorme diversidade dos tipos indígenas e das suas afinidades com as populações da Ásia e da Oceania, a existência de certos caracteres – basta citar a cor do cabelo – além de condições psíquicas e culturais, que dão aos aborígenes do continente um ar de família⁶⁷.

66 Publicado inicialmente na *Revista Trimestral do Insitituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, t. II, da Assembléia do Instituto Pan-Americano de Geogroafia e História, Rio de Janeiro, 1935. P. 592-616.

67 Clark Wissler (1870-1949). *The American Indian: na Introduction to the Antropology for the New World*. New York: Orxford University Press, 1931, xxi, p. 474, il., mapas dobrados.

O POETA | O indianismo | Um Longefellow, *yankee* de sangue branco, cantara (à mercê do idealismo romântico, que poetizava a natureza e o selvagem, estreado nas fulgurações das paisagens de Chateaubriand) a rapsódia bárbara, heroico-mística, de Hiawatha: mas esse indianismo artificial do bardo da Nova Inglaterra e o sonhador bretão era muito diverso do que vibrava a alma do vate maranhense, em que a natureza, que com mais irresistível força domina o espírito nos campos e selvas brasileiras ⁶⁸do que nas *prairies* e nas florestas frias do Norte América, se reunia o influxo poderoso da hereditariedade, no identificar o poeta com o seu tema⁶⁹.

Na literatura brasileira, precedera-o um Basílio da Gama, seguira-o um José de Alencar. É essa a trindade máxima do nosso indianismo literário. Basílio, no entanto, no seu belíssimo poema, obedecera sobretudo a intuítos políticos, profligando o jesuitismo e dando arras do seu devotamento de protegido ao onipotente ministro. Só podemos ver nele um precursor, pela vigorosa imaginação com o que evoca aspectos da natureza e da vida indígena, tal o acampamento nos galhos do arvoredo alagado; a poética, ainda clássica ou da transição para o Romantismo. No *Uruguai*, o índio não é o tema principal, e sim a questão colonial e política entre o marquês de Pombal e a Companhia de Jesus.

Em Gonçalves Dias, nada disto: para o cantos d'O GIGANTE DE PEDRA, nascido com a liberdade da Pátria, o índio aparece como um assunto de si mesmo interessante e belo e mais, com todo o exagero de um entusiasmo piedoso, como tipo nacional. E para essa ideia não era nova. Germinando naturalmente a mentalidade do povo, desabrochava vigorosa, espontânea, nos dias agitados da Independência. Rompendo com a metrópole, e procurando um tipo que de pronto e fisicamente o definisse, o espírito nacional e ingênuo e por assim dizer inconsistente, só achava o índio o homem da terra.

Era o indianismo, então, o brasão bárbaro a opor aos reinos; o índio

68 Nas “extravagâncias geniais” de Buckle (Euclides da Cunha) a respeito do Brasil, há uma parte de verdade: a luta contra o clima.

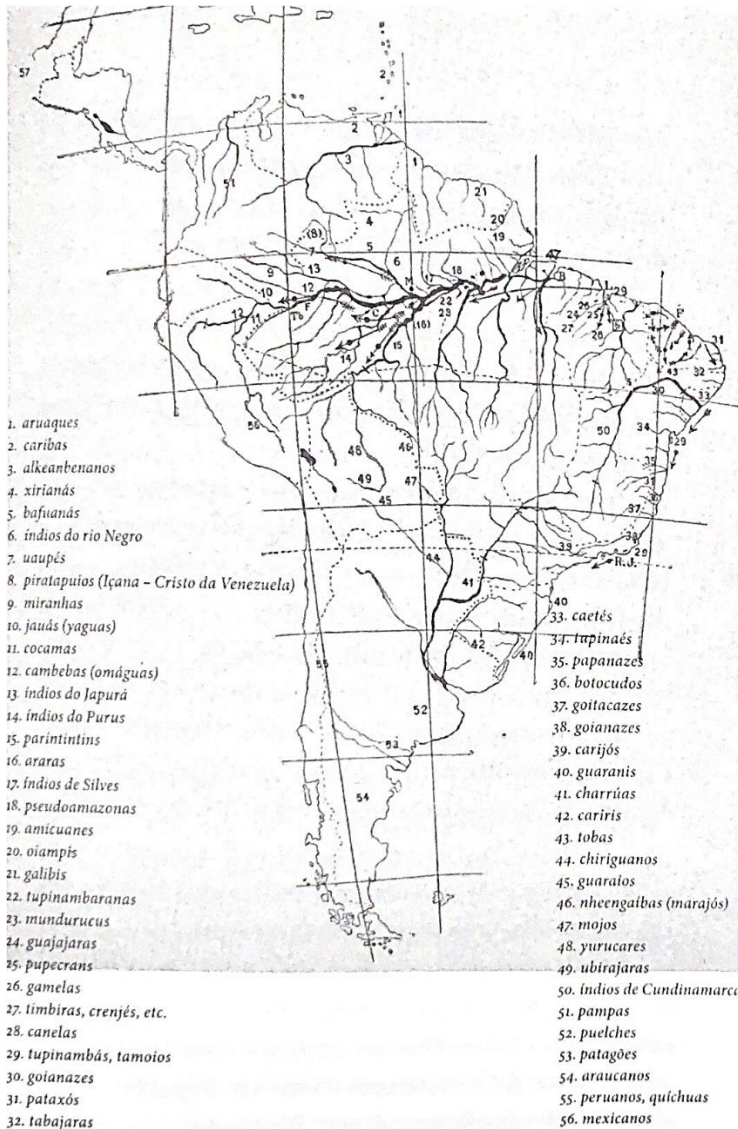
69 Ver a palavra Hiawatha. *Handbook of American IN*

era o protótipo do brasileiro; era dono do solo de que o português se apoderava, era o homem da natureza como diziam e cantavam os grande românticos. A ideia de um tipo humano naturista, sem artificialidade; ideia quimérica que foi alimentada desde o século XVIII, e por espíritos do nível de Rousseau, foi um dos dogmas mais caros do Romantismo. É, aliás, difícil distinguir o espírito nativista do Romantismo, de que ele foi o exato reverso político-social. O mesmo *engouement* conduziria em França à galomania, na Península à celtomania, como no Brasil ao indianismo.

É verdade que o grande Andrada, esse arquiteto ousado da construção de um povo, ao traçar, com os largos surtos de seu gênio científico, o plano do edifício nacional, dera ao índio apenas um lugar (definidos nos seus *Apontamentos para a civilização dos índios bravos do império do Brasil*) na portentosa construção, cingindo-se à realidade. Mas já seu amigo, o patriota baiano, ao tomar o nome muito indiano de Gê Acayaba de Montezuma, mostra-se mais radical na simpatia pela raça oprimida das selvas. E o imperante, apesar do sangue azul e tarado de Bragança, Bourbon e Habsburgo que corria nas veias desse impulsivo e teatral monarca do grito do Ipiranga, esquecia as suas origens régias e europeias para tomar no grande oriente maçônico o nome do herói mais representativo da raça americana, o lendário Guatimozin dos espanhóis, esses assombroso bárbaro Cuauhtémoc, que tentara salvar do domínio hispânico nas águas ensanguetas do seu lago natal, a maravilhosa Tecnochtitlan.

Não era muito outro prejuízo nacional nas ex-colônias de Espanha: no Peru, o inca, Tupac Amaru, cantado num soneto pelo nosso Basílio da Gama, rebelara-se em vão contra o domínio ibérico. (Sobre Tupac Amaru, a guerra das reduções do Uruguai, ver nota)⁷⁰.

70 Bernand Moses (1846-1930). *Spain's Declining Power in South America, 1730-1806*. Berkley: University of California Press, 1919.



E estava bem viva a memória da grande raça régia dos incas quando, antes de proclamar-se em Tucumán, junto aos país alpestres dos antigos Diaguitos, os “Calchaquis belicosos” – a independência platina – um dos seus românticos chefes, Belgrano (piedosa astúcia da alma do patriota

cheio de fé e de valentia) lembrava que se resolvesse o problema da nova pátria casando uma princesa da Espanha com descendente Manco Capac. Seriam, aliás, parentes, realezas da mesma fonte astral, devendo ter a princesa o sangue de um rei do Sol, de Luís XIV⁷¹.

Vê-se que o indianismo surgira como uma expressão na tural e ingênua do nativismo dos povos recém-libertos.

Gonçalves Dias seria o poeta dessa imagem da nacionalidade em formação. A sua lira é um símbolo continental, como a espada de Bolívar.

AS POESIAS AMERICANAS | As suas *Poesias americanas* abrangem várias feições. A mais frequente é a heroica em I-JUCA PIRAMA, n'O CANTO DO GUERREIRO, n'O CANTO DO PIAGA, etc., aliás produções, cuja forma e proporção as afastam da epopeia, realizando alguns dos melhores modelos das características rapsódicas românticas, em que domina o personalismo lírico, próprio da escola. I-JUCA PIRAMA é com justo título a mais celebrada delas; reunindo, num ritmo largo, a uma descrição interessante da selva e da vida selvagem, um contraste de sentimentos de grande energia, esse poemeto é a máxima expressão do indianismo.

I-JUCA PIRAMA, “o que deve morrer” é, como ele próprio explica, lídima frase tupi, bebida da gramática dos jesuítas como das crônicas o assunto, arrojada poetização da antropofagia ritual, como a praticaram os tupinambás. Era no tempo algo de revolucionário, ferindo de frente preconceitos clássicos e sociais. Os trâmites da tragédia podem ser acompanhados passo a passo através das páginas de Thevet e das gravuras De Bry: a cauinagem, o prisioneiro entregue às mulheres, o sacrificador, a maça e a corda, instrumentos do sacrifício, o canto da morte. Dominando o quadro, uma nota de piedade e um rigor tremendo, de tabu polinésio, na cena patética da maldição. Extraordinária, a significação bárbaro, o herói vencido é amarrado ao poste, luta contra o

71 O plano da monarquia incaica, segundo as memórias de um deputado de Buenos Aires ao Congresso de Tucumán, era um truque de captar as simpatias dos quíchuas na eminência da guerra no Alto-Peru. Foi o desfecho das ambições de Carlota Joaquina à regência do Prata, pois a “noiva” devia ser uma Bourbon-Bragança do nosso Reino Unido.

adversário, tal como acontecia no México, onde era o pedra do sacrifício. É o que arqueólogos, como Zelia Nuttall, no seu livro sobre as ideias fundamentais das civilizações do Velho e do Novo Mundo, explicaram como representando o movimento estelar em volta ao polo, símbolo final da estabilidade eterna.

Leigos e literatos que nunca viram índios, ou só viram um. O que é o pior, fazem deles ideia bem falsa, que, em vão, procurariam nos versos gonçalvinos. No entanto, já na *Revista da Exposição Antropológica*, J. Serra escrevera notável artigo sobre AS FONTES DA POESIA INDIANA, mostrando, por exemplo, que a CANÇÃO DO TAMOIO é a exortação do pai ao recém-nascido, que se acha em Léry, e O CANTO DO PIAGA se baseia em passagens de Joannes de Laet.

Ao lado, porém, da nota heroica e patética, Gonçalves Dias poetizou o índio no amor, dando-nos (além da visão suave, mas talvez pouco sugestiva do poema d'Os *timbiras*) o idílio da selva, em LEITO DE FOLHAS VERDES, e num poemeto, cujo fundamento indígena ele próprio em suas notas esclarece, a figura da flor mestiça do sangue vermelho e do sangue branco, a desprezada pela tribo, a MARABÁ, "formosa e indolente, que vai pela vida como um soluçado suspiro de amor".

Uma evidência de quanto era amplo e sadio o seu *idealismo nativista* é que não reuniu como em *Poesias americanas* só aquelas em que o índio surge como personagem. Na incomparável CANÇÃO DO EXÍLIO a sensibilidade é tão profunda, serena, mística, que põe em contato a alma do poeta com a imagem ideal da terra e da gente, quase sem objetividade nem ação.

Mais tarde, ferido uma e muitas vezes pela desdita, é nas grandes dores anônimas da raça que ele funde a sua própria dor. Assim, quando lhe morre a filha, o poeta, então, no Amazonas (de onde voltaria já votado à morte), escreve as formosas e tristíssimas estrofes em que se refere ao culto extremado aos parentes, mortos no próprio lar, que sob tantas e tão

curiosas formas, aparece entre as nossas tribos⁷², por exemplo da região do Madeira, onde ele esteve – e, revestido dos véus da fantasia, nestes versos:

*O nosso índio errante vaga,
Mas por onde quer que vá
Os ossos dos seus carrega*

porque, diz adiante,

*Tem para si que a poeira
D'aquela a quem choram morto,
Enquanto a alma descansa
Da eternidade, no porto,
Nenhures está melhor
Do que na urna grosseira
Que a cada momento enxergam
Que de instante a instante regam
Com o seu prantear de amor.*

É que ele tinha o mesmo destino, erradio e ingrato:

*Ando como ele incessante,
Fugitivo, vago, errante Sem próprio abrigo, sem lar.*

Qualquer um dos cantos que acabamos de analisar é uma das melhores imagens poéticas, que se poderia dar do índio.

OS TIMBIRAS E O REGIONALISMO | A grande epopeia incompleta d'Os *timbiras*, se se pode dizer epopeia um poema tão romântico, merece também especiais reparos.

O que nela nos encanta é sobretudo o cenário da *savana* maranhense, grandioso e gracioso ao mesmo tempo. A descrição do sítio sob árvores à beira-rio, onde os gamelas esperam Jurucey, o enviado dos timbiras, é admirável, muito característica, bem regional.

72 Raimundo Lopes, Les indiens Arikêmes. Nota dos organizadores | Em português, Lista vocabular da língua ariquéim, [s.l.], 1925, p. 1.

Outro aspecto interessante são as visões dos piagas e dos velhos, prenhes do animismo, que enevoava essas almas nos êxtases do *cauim*.

E por que os timbiras? Por que escolheu ele essa tribo atrasada e sem celebridade histórica, nem importância atual? Todavia não escolheu o tamoio, cantado pelo outro ilustre iniciador romântico; simbolizando o nativismo no jornal dos Andradas, a tribo audaz, que renteou o português nos alcantis d’O GIGANTE DE PEDRA, era naturalmente indicada; o tamoio, íncola da capital do império, era o tupinambá da *alma mater* da colônia, a Bahia, e do próprio Maranhão.

Não se havia ainda, é verdade, desenvolvido bastante o conhecimento das raças amazônicas, e o índio clássico era sempre o tupi-guarani, com o tapuia como termo inferior de comparação. Apesar disso, na lenda, que povoara o grande rio de atrevidas amazonas e abria no seio da selva o esplendor do zipa doirado de Manoa, havia um vasto campo para a idealização poética, e podia tê-lo aproveitado o poeta, que, em plena Amazônia, em Manaus, datou muitas das suas produções. O erudito permanecera cético em relação a tais lendas. Isto, porém, não impediria que o poeta as cantasse com a mesma liberdade com que os seus *piagas divinos* do Brasil falam dos “manitós”. Digamos em seu abono que a palavra “manitós” foi empregada em sentido literário ou geral, como hoje se empregam - tabu (polinésio), totem (também dos pele-vermelha) e e clã (do gaélico) – que tanto se teoriza etnológicas⁷³.

Por que, insistimos, os timbiras?

É preciso aqui reconhecer dois pontos capitais dos *phátos* gonçalvino, indo até o íntimo da alma do poeta: o seu naturalismo desdobrado no regionalismo e no amor ao i como homem da natureza.

Regionalista, tinha ele uma grande fonte de emoção amor à terra das palmeiras, que tomara uma forma mais nacional e de sentimento mais amplo na CANÇÃO DO EXÍLIO, mais particularizada e cívica em CAXIAS, no MORRO DO ALECRIM, etc., panteísta nos hinos.

73 Sobre a significação de manito, ver Frederick Webb Hodge, editor, Handbook of American Indians North of Mexico, Washington: Smithsonian Institute, Bureau of American Ethnology, 1907, p. 1.221, 2. pts.

Minha alma não está comigo [...]

dizia ele do Rio.

[...] lá está a espreguiçar-se nas vagas de São Marcos, a rumorejar nas folhas dos mangues, a sussurrar nos leques das palmeiras; lá está ela nos sítios que os meus olhos sempre viram, nas paisagens que eu amo, onde se avista a palmeira esbelta, o cafezeiro, coberto de cipós e o pau-do-arco de flores amarelas.

O timbira era o índio característico da região maranhense.

Essa nação fundamentalmente “tapuia”, que na mais ampla acepção abrange o canela ou capiecra, o sacamecra, o macamecra, o piocobjê e outras hordas, ocupou a maior parte do interior maranhense, região jê por excelência. Suas cabildas iam das matas entre Itapicuru, Mearim e Corda aos tomba dores do Tocantins, e dos baixões do Pindaré aos alcantis do alto chapadão maranhense.

Gonçalves Dias, no prefácio de sua edição dos *Anais*, de Berredo, ainda os incluía entre os tupis; mas já em *o Brasil e Oceania* ele os considera tapuias, diríamos nós hoje, jês⁷⁴.

Esses timbiras no poema falam mais ou menos a língua geral. Contudo era isso inevitável, não sendo fácil obter cabedal conveniente dos dialetos tapuias, enquanto que a terminologia tupi passou largamente para a linguagem nacional. Demais seria fácil a diferenciação entre povos tupis e jês, no conjunto de tribos a que se deu o celebrado nome de *timbiras*, dado o número de hordas referidas por Gonçalves Dias, Lago e Paula Ribeiro? Segundo Paula Ribeiro, os guajajaras seriam timbiras. São, entretanto, classificados hoje, que os conhecemos bem, como tupis. Os timbiras eram talvez uma liga.

Esta, então, resistia, impávida, na alta bacia do Grajaú, ao avanço dos entradistas de Pastos Bons, a vila que foi a *alma mater* do sertão maranhense. Muitos já vinham escorraçado litoral. A fundação da vila da

74 Bernardo Pereira de Berredo (m. 1748), *Anais históricos de Berredo*, [s.l.: s.n.], 1905, 2 v.

Chapada (Grajaú), a desunião entre as tribos substituindo a anterior solidariedade, eis as causas do final extermínio dos antigos donos da terra, dizimados impiedosamente, dia a dia, pela feroz bravura dos sertanistas⁷⁵.

Estavam, ao tempo de Paula Ribeiro⁷⁶, aldeados em Penalva e Codó, os gamelas, rivais dos timbiras no poema. As lutas com os selvagens, em parte contemporâneas de poeta e em época em que estava mais perto dos seus lares barbárie heroica dos timbiras, teriam de certo influído para a preferência de Gonçalves Dias, pela tribo famosa, que pu nha em xeque os sertanistas mais destemerosos.

Gonçalves Dias, entretanto, no seu poema, transporta-nos ao início dessas lutas, aos tempos coloniais. Documentos an *tigos* da *coletânea* do Arquivo Público do Pará, por exemplo a petição do padre João da Cunha, falam dos timbiras, dizendo que já naquele tempo (1732) tinha havido "muita bala em cima" deles.

Sua epopeia indígena devia ser a desse século XVII que é o século heroico do Brasil, a da conquista do país e também da Amazônia, pois é em demanda das florestas de oeste e das margens do estuário paraense que os timbiras, rechaça dos da região de Tapuitapera, Alcântara, deviam seguir, no plano do poema, no seu êxodo, que na concepção do poeta é um episódio do grande refluxo das tribos perseguidas para o seio maternal da selva amazônica, ideia predileta, na obra poética, como na científica, do grande escritor.

O enredo geral do poema incompleto nos é assim exposto por Antônio Henriques Leal, que conheceu em esboços os cantos inacabados ou perdidos.

Outra circunstância notável e que nos convence de que Gonçalves

75 Cf. Cezar Augusto Marques, Dicionário histórico-geográfico da pro víncia do Maranhão. Maranhão: Tipografia de Frias, 1870 (Biblioteca Nacional); Carlota Carvalho, O sertão. Rio de Janeiro: Empresa Editora de Obras Científicas e Literárias, 1924, p. 419.

76 Francisco de Paula Ribeiro, ROTEIRO DE VIAGEM QUE FEZ O CAPITAO FRANCISCO DE PAULA RIBEIRO ÀS FRONTEIRAS DAS CAPITAIS DO MARANHÃO E DA DE GOIÁS NO ANO DE 1815 EM SERVIÇO DE S.A NO DE 1815 EM SERVIÇO DE S.M. FIDELÍSSIMA, Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio Janeiro, t. X, no 5.

Dias, além de ter colhido sobre as hordas timbiras, no Maranhão, observações fragmentárias, como que *estilizou* pelo modelo tupi, é a de serem os timbiras um povo cuja cultura, de aparência rudimentar, cabia ainda melhor dentro da noção, que então ainda exercia a sua influência, como um preconceito e ilusão de espíritos generosos e almas artistas, de que o índio era o homem da natureza, despido de artificialismo, na simplicidade infantil e virginal da sua vida de primitivo, ingênuo na sua brutalidade heroica e na sua sensibilidade rude.

Este retrato, não sendo real, não é tão falso, tão oposto como se pretende ao verdadeiro índio; muitos dos traços psíquicos poetizados são verdadeiros, se bem que o homem da natureza seja uma pura entidade metafísica, anterior, como se sabe, ao indianismo.

De qualquer forma, como a generosa simpatia e como amor à vida simples e à natureza, esse sentimento ressalta desde o exórdio do poema, em que, unido a um rude tronco de palmeira, o poeta desfere o seu canto, mais elegia do a epopeia, da raça extinta.

No que diz João Lisboa⁷⁷ da exagerada poetização do indir não vemos alcance, a não ser a mesma amável ironia com que *Timon** nos mostra o poeta, alegre, entre as moças, na festa dos Remédios, sem aquelas mágoas “que nos vende nos seus mimosos versos”; os avoengos índios que “só de heróis faziam pasto” são pelo menos tão poetizáveis como aqueles façanhudos avós portugueses que brigavam à adarga com os mouros, e sobretudo o feroz Pedro Cru que aparece nas mais brilhantes criações arrancando os corações dos matadores da linda Inês, a árdega mulher medieval poetizada por Camões com o mesmo direito com que o velho Durão dizia que na Paraguaçu “onde não era neve era de rosa”.

Diante das realidades da história, é mister dar um pequeno desconto às absolutas excelências do arianismo e do lusitanismo. Não se realizaram os temores do espirituoso e mordaz historiador maranhense que, abrindo um parêntese à severidade do assunto, confessa algures receios de ver

77 João Francisco Lisboa (1812-1863), Obras. São Luís: Tipografia B. de Matos, V. 4, 1864; Obras de João Francisco Lisboa. Lisboa: Matos Moreira & Pinheiro, 1901, 2 V.

* Nota dos organizadores | Timon é o pseudônimo de João Francisco Lisboa.

ainda entrar no Maranhão o vapor imperial *Tupã* conduzindo Exmo. presidente *Arariboia*... A mania indianista passou, mas nem por isso devemos achar menos poéticos os nossos Tabirás cavalheirescos e as nossas Iracemas sentimentais.

Uma raça que, preenchendo na formação brasileira um largo papel necessário, produziu um Camarão e um Arariboia não era tão desvaliosa como elemento suscetível de idealização estética. A própria selvageria dos costumes era a mesma, sem grande diferença, na raça dominante e na vencida; e nesta, às vezes requintada nos seus ramos mais cultos: no México, os espanhóis revidavam à ferocidade dos astecas, respondendo com o leito de rosas ardentes da tortura ao punhal de obsidiana dos sacrificadores do Deus da Guerra...

Não seria lícito considerar o indianismo como fórmula única definitiva do sentimento nacional na arte, embora a sua renovação cíclica prove a sua necessidade. Condenar, porém, em Gonçalves Dias esse conceito nativista seria o mesmo que censurar Camões porque não trate do Brasil, suprema esperança do povo lusitano e cante a Índia, a grande miragem que perdeu Portugal. Não se confunda o ideal poético com a fatalidade histórica.

Mestiço, repellido talvez tanto pela sua pobreza ativa de intelectual como pela sua extração, numa suprema questão de sentimento, a sua orgulhosa renúncia ao amor a que só poderia chegar pelo escândalo, é um traço singular que entreabre talvez o véu das razões íntimas e profundas do se nativismo.

Culmina na poesia AINDA UMA VEZ – ADEUS! essa crise moral, veladamente descrita por Antônio Henriques no *Panteon*, patente na sua lírica, por exemplo o poemeto ANÁLIA e na deplorável carta (manuscrito da Biblioteca Nacional), em que o poeta confessa as consequências do seu casamento imponderado ao amigo-irmão Alexandre Leal. Felizmente o que sabemos do seu zelo pela mãe humílima, e do conjunto da sua vida

afetiva, transforma em piedade a estranheza daquele desabafo⁷⁸.

Nascido em 1823, quando o pai, português, fugia dos bacamartes dos independentes, educado no exílio, a sua alma amara no selvagem a personificação da terra; se era essa também a fórmula de combate com que a nova pátria se afirmava ante as suas origens ultramarinas. Dele se pode dizer que nasceu com a pátria, do mesmo modo que de Camões se se que morria com o antigo Portugal.

Seria ele ilógico, rimando também as *Sextilhas*? Pare-nos que há na arte alguma coisa além da lógica; ou antes, esse conflito entre a forma castiça e tradicionalista e o espírito rebelde e americano era a lógica do sangue.

As *Sextilhas de frei Antão* estão cheias de mouros. É o orientalismo romântico, num português arcaico medieval. Pois bem, observadores como Roquette-Pinto e o autor deste ensaio e filólogos, como Franco de Sá, registram tais caracteres arcaicos, já no viver sertanejo, já no falar do povo; e os nossos folcloristas, desde os artigos de Celso Magalhães, continuados pelo livro de Sílvio Romero, documentam a riqueza das fontes mouriscas da nossa poesia popular.

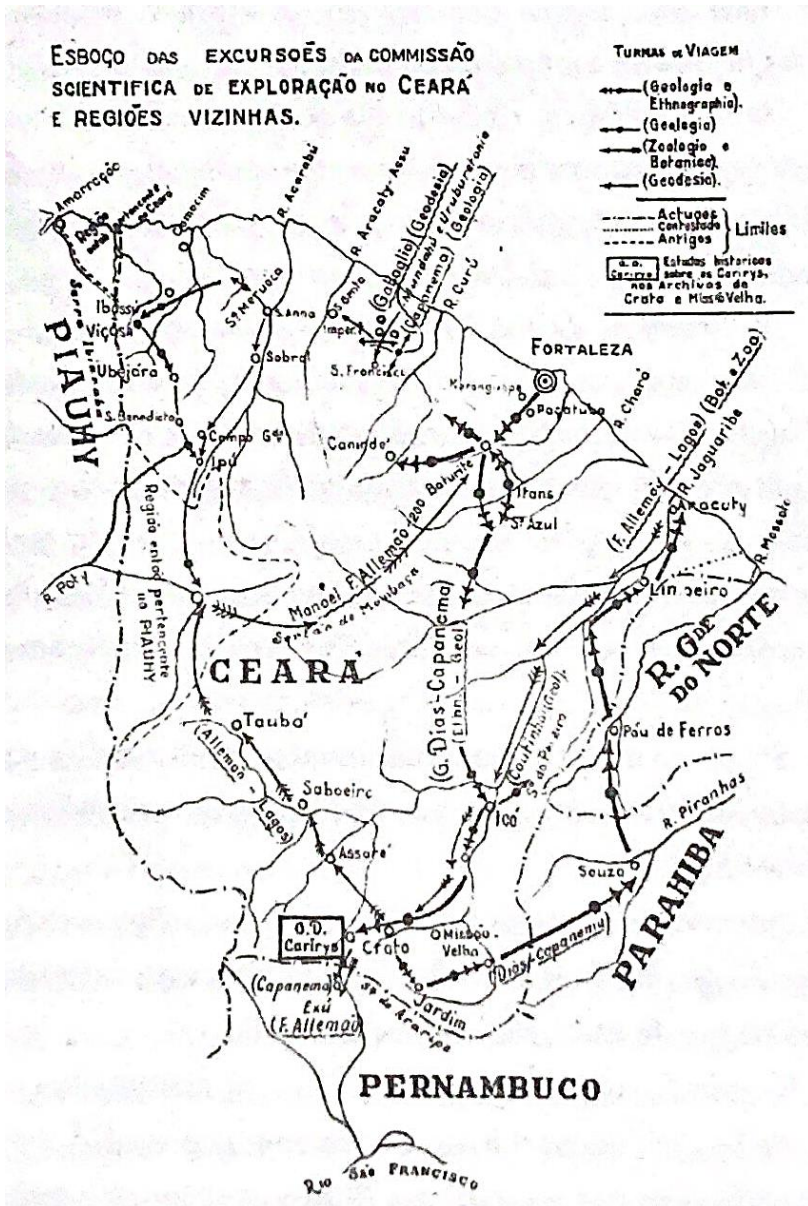
Era outro modo de remontar às raízes profundas da nacionalidade, refugindo ao neolusitanismo eivado de influências estranhas.

Quem mais arrenega do índio hoje são os cultores exagerados do *africanismo*, ora sob o influxo do exotismo europeu, ora na boa-fé, por insuficiência de estudo.

Negam-lhe tudo, da influência nos sentimentos até a influência na cozinha nacional, tão evidente ante os dados a esse respeito reunidos por Barbosa Rodrigues e ante o vocabulário de Tastevin.

78 Nos seus artigos bibliográficos, Manuel Nogueira da Silva tece interessantes considerações sobre a vida cerebral, a do sofrimento e a da carne, na tragédia daquele que disse: "desejar e sofrer foi toda a minha vida".

Manuel Nogueira da Silva, *Bibliografia de Gonçalves Dias*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1942. (Encontra-se referência a uma edição de 1937: M. Nogueira da Silva, O maior poeta, sem referência ao editor).



Esboço das excursões da Comissão Científica de Exploração no Ceará e regiões vizinhas

Seja como for, e por mais que pareça excessiva hoje a espíritos prevenidos a sua admiração generosa pelo homem americano, ele é bem o poeta da terra e da raça originária do Novo Mundo, ao mesmo tempo que, com os seus surtos líricos, o nosso grande poeta nacional.

Bem o podemos adiantar, dentro da relatividade dos conceitos que se podem formular numa questão como esta, que, por mais que o queiram falsos rigores críticos, nem sempre se pode totalmente reduzir aos moldes do saber positivo.

E inútil discutir a estatura dos nossos grandes poetas aferindo-a por metros mais ou menos pueris, ou ao sabor das mais ousadas renovadoras opiniões personalistas ou o espírito de destruição foi até o menosprezo dos grandes espíritos, que, como Gonçalves Dias, foram no seu tempo os precursores das mais generosas tendências originais do idealismo brasileiro.

Alguns modernistas consideram José de Alencar como o iniciador da brasilidade na linguagem; mas as tendências galicistas e libérrimas do estilo do fecundo romancista cearense não são realmente tão brasileiras como a perfeição tradicionalista com que Gonçalves Dias (antes dele era feio escrever *cuia*) conciliou a nacionalização do léxico e as fontes antigas da língua.

De qualquer modo nele devemos buscar os germes, de que o pensamento literário nacional deve necessariamente brotar. Não cabe, entretanto, tal apreciação nos moldes deste ensaio. Em todo caso diremos com um crítico maranhense, Antônio Lopes, que ele é a “figura representativa da nossa poesia” e “o poeta sintético do Romantismo”, aquele que reúne em si as qualidades estéticas dos outros poetas brasileiros⁷⁹.

Será preciso lembrar que nele, o nosso grande poeta amor, o poeta de forma moderna das *Poesias póstumo*. panteísta místico, há muitas coisas além do indianismo?

Cantando o índio, ele abriu o caminho a todos os que taram ou

79 Ver Biblioteca Nacional. Pacotilha, do Maranhão, número do Centenário de Gonçalves Dias, 10-VIII-23.

defenderam as raças perseguidas ou abandonada do nosso patrimônio étnico. Ele próprio, embora acidental mente, numa época em que ainda não irrompera o abolicionismo, referira-se ao negro com a mesma generosa elevação. E a beleza sentimental das suas teses poéticas abriu no sentimento nacional sulco muito mais profundo que os cantos do autor das *Brasilianas* que era aliás como ele um poeta culto e também um dos prógonos da poesia nacionalista. E assim, ainda, preparou o espírito do povo para o verbo reivindicador do poeta dos escravos. O sertanismo, eis a fórmula der radeira desse anseio dos nossos artistas pela exaltação do *fundo étnico*, se é lícito dizer, do sentimento brasileiro.

Mas todos esses surtos de amor à natureza e todos esses impulsos heroicos e altruístas, e os devaneios de amor e a tristeza revoltada da "alma brasileira", tudo isto vive nos cantos de Gonçalves Dias, com uma expressão amplamente humana de que o indianismo é a generosa, pitoresca e brilhante fórmula exteriorizadora.



Santo do Içana | Coleção do Museu Nacional.

O DEFENSOR DO ÍNDIO | Não foi, porém, Gonçalves Dias apenas o cantor da raça, foi um dos seus defensores. Do problema indígena fora apontada a solução por José Bonifácio, com uma clarividência que ainda hoje inspira a proteção às tribos restantes no vasto interior brasileiro.

Os seus *Apontamentos para a civilização dos índios bravos do império do Brasil*, descontado algo que neles há de ideias que passaram com as condições da época, ficaram como padrão básico dos nossos princípios humanitários.

Mas após a doutrina de justiça e tutela filantrópica em que se inspirara o patriarca, veio a reação contra os exageros do nativismo indianista, e se um João Lisboa, nunca tendo chegado a negar ao índio direito à proteção por meios humanos e brandos, evolui de um “lusitanismo” parcial no sentido de uma maior consideração pelo selvagem, e de uma crítica mais severa à ação do colonizador, Varnhagen marchou em sentido contrário.

Assim João Lisboa, que ironizara as ideias generosas do prefácio da edição de Berredo, em que o nosso poeta tanto exaltou o índio, criticou as passagens da *História geral do Brasil* em que o mais erudito dos nossos historiadores expende ideias um tanto esquisitas, pleiteando um sistema de coação forte, indo até a guerra, sem que deixe de se interessar pela sorte da desvalida grei selvagem, antes desejando uma espécie de protetorado severo. *Sincera*, embora *rude*, (como seu autor) essa opinião de Varnhagen teve uma justificativa *ad hominem*, um incidente pessoal de viagem, perdurando no seu espírito a impressão penosa de um ataque indígena que sofreu a comitiva em que ia⁸⁰. Era, pois, uma ideia ocasional, embora como ele próprio frisa, desinteressada e movida pelo que julgara convir ao país. Opinião tardia em quem, como Varnhagen, e não o esqueçamos, foi um dos corifeus do estudo do índio, tendo mesmo sido quem propôs, no Instituto Histórico, a criação da Seção Etnográfica desse tradicional grêmio erudito e o respectivo programa.

Há um traço subconsciente de espírito de supremacia étnica nas

80 Edgard Roquette-Pinto, O SEGREDO DAS UIARAS, Seixos rolados. Rio de Janeiro: Mendonça, Machado & Cia., 1927.

ideias desse nórdico brasileiro, de origem germânica, ativo e rijamente franco, e penetrado de uma filosofia histórica não raro unilateral, em que o aspecto unitário, europeu e imperialista, se podemos dizer, da nossa nacionalidade, predominou, filosofia essa que nem sempre esteve à altura do grande saber e escrupuloso historiar, que o consagraram o príncipe da historiografia brasileira.

Em todo caso, para o tempo e quando ainda não se passara dos esforços de um Couto de Magalhães as realizações de um Rondon, o problema do índio revestia-se de dificuldades e incertezas, entre as quais o protetorado excessivamente energético mas bem-intencionado do alarmado Varnhagen tinha uma relativa razão de ser utilitária, apesar de inaceitável e face dos lídimos princípios de humanidade. Hoje, seriam ainda mais aberrante; mas, nessa época, não era o Brasil ainda um país de escravidão?

Com seu conhecimento do índio, o poeta maranhense dominado embora, pelos seus preconceitos românticos e sobretudo a princípio, foi um dos que melhor versaram o problema, influenciando para manter na opinião do país as simpatias pela oprimida raça.

O prefácio aos *Anais de Berredo* ainda é imbuído de fantasia, chegando mesmo o poeta a identificar o índio como o tipo brasileiro puro, profligando a brutal intrusão dos conquistadores de um modo bastante vivo. Progrediu dessas ideias, mas com uma notável coerência. Já em o Brasil e Oceania, a sua opinião era mais moderada, efeito dos anos de estudos que lhe tinham decorrido.

Assim, com o mesmo calor de simpatia humana que dantes, já não exalta tanto o índio, e termina a “memória” com um caloroso apelo ao país e ao imperador, que honrava com sua presença o Instituto Histórico:

[...] quisera que não fosse isto considerado, como panegirico de uma raça que mais merece comiseração que louvor, mas como u brado, embora fraco, em favor da catequese dos índios.

Aproximava-se das ideias de José Bonifácio, um humanitarismo franco sem intuitos apologéticos; e são as de hoje. Realmente, se no

terreno da Arte podemos justificar plenamente os arroubos indianistas, no dos fatos positivos não: comparadas as diversas tribos, sob o ponto de vista do seu nível de cultura e de sua adaptabilidade à nossa civilização a questão tem nuances variáveis, mas que se totalizam num ponto de vista aplicável a todas: a necessidade de estudar, e mesmo talvez a de adaptar no índio uma cultura étnica e até artisticamente interessante; a necessidade e dever ainda maior de proteger no índio uma raça atrasada e enfraquecida, mas que faz parte do nosso patrimônio de povo e cujos males em grande escala foram devidos às violências e aos vícios da nossa gente civilizada ou semicivilizada.



Veste de tecido vegetal | Coleção do Museu Nacional.

Sob esse ponto de vista, a questão sertaneja, posta em foco por Euclides da Cunha, é fundamentalmente idêntica à questão indígena, como já entendia Couto de Magalhães. É o mesmo ponto de vista fundamental da obra rondoniana, apesar desta visar especialmente o índio. A etnografia sertaneja, organizada pelo dr. Roquette-Pinto sobre os lineamentos da obra de Euclides, vem, correlativamente, no terreno científico, apor-se à etnografia indígena. O sertanejo, o homem brasileiro dos campos em geral, que a literatura crismou com o pitoresco apelido de jeca-tatu, é bem muitas vezes outro índio, no desvalimento. E, se nos lembrarmos de que o índio é tantas vezes o “lobo do índio”, não veremos mais com tanta estranheza as lutas do sertanejo, melhor armado pela civilização, com o seu irmão selvagem. São o que há de mais natural entre populações de economia atrasada que se disputam os sertões, sempre pequenos para a sua penúria. Cabe aos civilizados a missão de progresso e de paz.

O ilustre Rondon, dedicando-se a essa obra com a sua plêiade de bandeirantes da ciência e do civismo, personifica, entre os contemporâneos e no domínio da ação a nossa indianidade de que Gonçalves Dias foi o grande espírito.

O HISTORIADOR E ETNÓLOGO | *Erudição e observação social* | Salvo talvez o *Timon*, tão ático quão erudito, e Araújo Porto-Alegre que dirigiu a Seção de Arqueologia do Museu Imperial e Nacional, mas só se ocupou de numismática e arte clássica, nenhum dos seus contemporâneos reuniu como ele a capacidade para os estudos exatos, aos dotes de artista.

Gonçalves Dias na sua obra de esteta e na cruzada em prol do índio serviu-se de uma erudição e de um saber etnológico invulgares, que apenas suspeitamos ao lermos, enlevados, os seus admiráveis quadros da vida indígena poetizada. É que o poeta se desdobrara no homem de ciência, no autor de *Brasil e Oceania*, do *Dicionário da língua tupi*, de várias memórias históricas; enfim, seria o encarregado da seção etnográfica da famosa e infeliz expedição científica enviada às províncias do Norte - a comissão das borboletas.

Pode-se dividir a vida intelectual de Gonçalves Dias três ciclos: o da *poesia*, o da *história* e o da *etnologia*; o primeiro começa na vida de estudante em Coimbra (1841) e se bem que prepondere apenas na sua mocidade, abrange toda a sua existência; o segundo começa com a sua fixação no Rio de Janeiro, acentua-se a partir das REFLEXÕES sobre os *Anais* (1849) e abrange *Brasil e Oceania*, lida no Instituto Histórico em 1852; inclui-se ainda essa grande obra no ciclo histórico por ser de erudição, mais que de observação; quanto ao conteúdo e finalidade, assim como há páginas de grande fidelidade descritiva nas poesias indianistas, há primores de estilo até nos seus relatórios burocráticos. Nem é possível separar completamente em tais categorias os livros que compõem a obra de tão forte unidade do grande escritor. As suas últimas memórias na *Revista Trimestral* marcam o fim desse ciclo (1855).

O terceiro ciclo que se inicia em 1851, com o VOCABULÁRIO DA LÍNGUA GERAL e *Brasil e Oceania*, na *Revista Trimestral*, abrange especialmente o período de 1858 (*Dicionário da língua tupi*) a 1862, estada no Rio de Janeiro antes da viagem final à Europa, compreendendo os trabalhos da Comissão Científica, a viagem ao Amazonas e a Coleção Etnográfica exposta em 1861.

Entre os seus trabalhos puramente históricos vemos, na *Revista Trimestral* do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro:

- ANOTAÇÕES AO CATÁLOGO DOS CAPITÃES-GERAIS E GOVERNADORES DO RIO GRANDE DO NORTE;
- EXAME NOS MOSTEIROS E REPARTIÇÕES PÚBLICAS (para procura de documentos históricos do Maranhão, contendo observações sobre a história maranhense e reparos sobre a incúria a respeito dos documentos do passado no Maranhão e no Brasil em geral);
- REFLEXÕES ACERCA DA MEMÓRIA do ilustre membro Joaquim Norberto de Souza e Silva este era favorável ao propósito no descobrimento do Brasil, Gonçalves Dias ao desvio de rota.
- Dois trabalhos, na discussão em que foi a favor da memória de Machado

de Oliveira sobre a questão das fronteiras do Sul, contra o parecer de Duarte Ponte Ribeiro.

Não entra neste ensaio a apreciação cabal desses estudos. A interpretação do propósito no descobrimento reaparece hoje, mas com melhores fundamentos, e deixo aos eruditos especializados decidir se o sentimento dos lusitanistas não acentuou mais os lados favoráveis que as faltas pelo escritor brasileiro observadas na náutica dos descobridores, com documentos, o melhor dos quais – a carta de mestre João, o Instituto, é justo lembrar, devia a Varnhagen. Já no outro caso a questão se eivara de escrúpulos diplomáticos, não fosse a afirmação da prioridade da colônia do Sacramento ferir melindres nacionais no rio da Prata. Gonçalves Dias opôs a isso a sua opinião de estudioso e o seu sentir de patriota.

Certas poesias, À DESORDEM DE CAXIAS, O MORRO DO ALECRIM, etc., refletem as crises nativistas que agitaram a sua região natal, terminando na bárbara explosão da Balaiada. Antecipando-se à época, quando ainda não eram bem entendidos os problemas sertanejo e africano, Gonçalves Dias a mercê das circunstâncias que lhe ambientaram o berço, esboçou uma interpretação de tais problemas na prosa da *Meditação*, em que sob o véu transparente de uma alegoria histórica, traça um quadro da vida do Brasil brasileiro, com suas populações variadas e suas antinomias sociais, na época agitada da Regência⁸¹. A *Meditação* é a nebulosa de

⁸¹ Não eram poucos os desafetos literários de Gonçalves Dias, entre os quais o autor do poema A INDEPENDÊNCIA DO BRASIL e o dr. Melo Moraes, por ele visado na sátira ao dr. Veludo. Manda a razão aventar a hipótese de que *Meditação* lhe valesse outro desagrado, o de poderosos da época. Ao marquês de Olinda, responsável, como demonstrou Capistrano, pelo extravio da *História do Brasil* de frei Vicente do Salvador, seriam antipáticos o *Timon* e o autor de *Meditação*? É possível, pois ambos se referiram com acrimônia às oligarquias, e Lisboa ridicularizou cruamente os presidentes de sua província, ao tempo da Balaiada, responsabilizando pelos horrores desta esses mandatários do governo do então regente Araújo Lima. Se a antipatia do

muitos pensamentos que tiveram o seu brilho solar em *Os sertões*, de Euclides da Cunha. Nem lhe são estranhas as fontes de vida da “política da terra” de Alberto Torres.

Sobre a caracterização dessas lutas e a formação regional consulte-se Euclides da Cunha⁸², Raimundo Lopes⁸³ e Carlota Carvalho⁸⁴.

BRASIL E OCEANIA | *As migrações tupis* | Não tendo, quer por extravios, quer pela sua morte prematura, uma parte dos resultados últimos da sua atividade de erudito, de observador e doutrinador, somos forçados a julgar das suas ideias sociais e etnológicas, de acordo com os seus trabalhos anteriores, sobretudo a memória intitulada *Brasil e Oceania*.

O imperador, em 1849, sugerira, no programa a ser tratado no Instituto Histórico, o estudo comparativo dos aborígenes do Brasil e da Oceania e as deduções respectivas sob o ponto de vista da “catequese”. Em 1852 (agosto) leu Gonçalves Dias a 1ª parte, a brasileira; contudo só na Revista do Instituto de 1867 e nas “obras póstumas” foi publicada afinal. A INTRODUÇÃO à edição de Berredo (a qual é de 49) é a primeira feição das suas ideias etnográficas e sociais que quatro anos de indefessos estudos históricos muito desenvolveriam.

Neste trabalho, que demonstra ampla e meditada leitura de autoridades de então no assunto, além de resumir o que se conhecia dos costumes e mais aspectos étnicos dos nossos índios, desenvolve ele interessante confronto entre os povos indígenas do nosso continente e das terras insulares do Pacífico. A tese oficial que lhe fora proposta, ele a desenvolveu cabalmente, inclusive o problema da catequese, hoje diríamos, a proteção. É a obra naturalmente dividida em duas partes. Na primeira e muito mais extensa, dedicada aos povos brasílicos, ele trata de

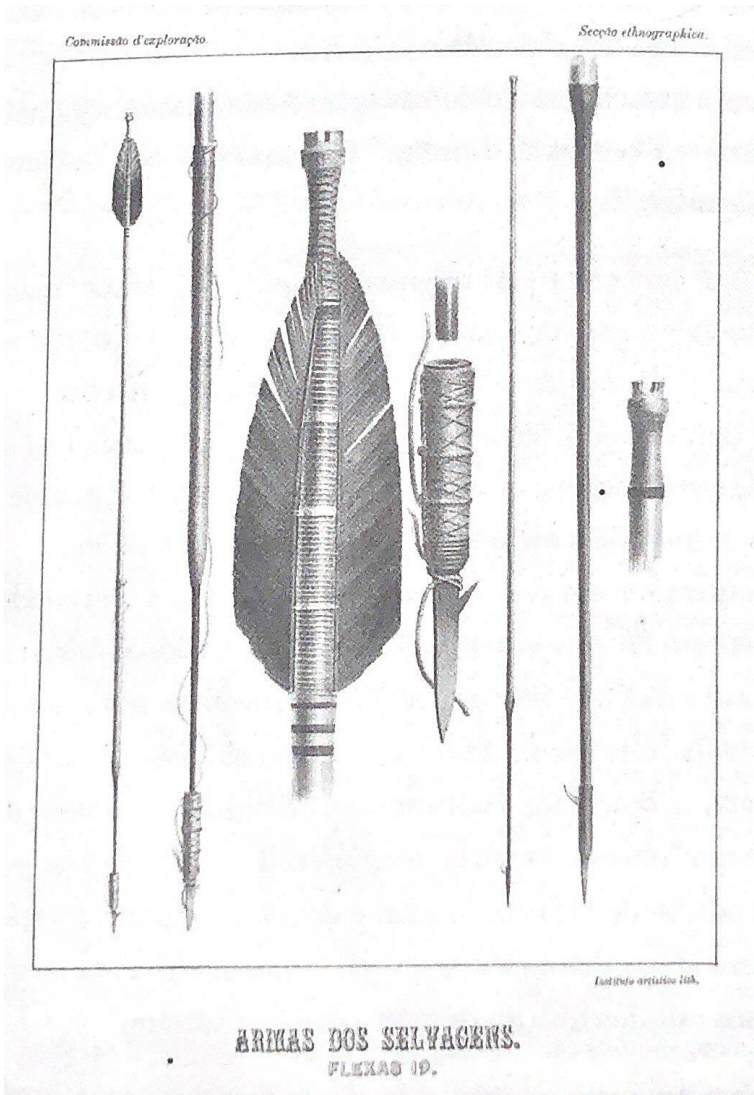
conselheiro Furtado por Caxias, de tão graves consequências na guerra do Paraguai, velo de um incidente da Balaiada, é possível que dessa fase viessem certas implicâncias com os dois escritores. *Meditação*, não esqueçamos, saiu no Rio Janeiro, em 1840, e em linguagem alegórica continha páginas candentes.

⁸² Euclides da Cunha, *Da Independência à República*.

⁸³ Raimundo Lopes, *Entre a Amazônia e o sertão. Aspectos da formação sertaneja*.

⁸⁴ Carlota Carvalho, *O sertão*, ob, cit.

divisão das tribos e das suas prováveis migrações, dos usos, costumes e crenças das mesmas. Baseia-se sobretudo, com seu largo saber histórico, nos cronistas.



Sararacas | Coleção do Museu Nacional

O quadro das raças indígenas que apresenta parecer-nos-á hoje acanhadíssimo. Impossível era aliás, dentro dos limites dos conhecimentos do tempo no assunto, ir muito além, pois só as grandes investigações arqueológicas e etnográficas, sobretudo no vale do Amazonas e no chapadão mato-grossense revelariam novos aspectos da nossa etnologia, fazendo ver a importância e os verdadeiros caracteres dos aruaques e caribas e granjeando os primeiros elementos para o estudo da paleontologia brasileira.

Dentro, porém, desse quadro tupi-tapuio da nossa etnografia de então, o poeta-sábio realizou uma síntese interessante e conscienciosa.

O que admira é justamente vermos que esse homem, cuja visão de poeta envolveu em tanta fantasia a vida do selvagem, não se deixou levar no labor erudito, pela sedução de tão arrojadas hipóteses como as em que se emaranharam cientistas de valor e de uma educação mais técnica.

Tem a sua explicação de conjunto, é certo, para as migrações indígenas; pensa que o tupi veio do Norte, do Amazonas, e, depois de descer para o Prata combatendo as tribos mais atrasadas do planalto, refluíu aossado pelos colonizadores, para o seu primitivo berço.

Assim, critica em parte as ideias de Alcide d'Orbigny, então dominantes na etnografia sul-americana, quanto à direção das grandes migrações dos tupis – os “brasílio-guaranis” daquele sábio, que os fazia vir das regiões platinas⁸⁵.

Em verdade, não é fácil hoje à ciência retrazar a origem primeira da grande nação; mudaram as opiniões, mesmo de pois que Ehrenreich⁸⁶ lhes assinalou um movimento inicial oeste-leste, desde o Alto Paraguai. É que temos de nos cingir aos seus reflexos históricos, às suas localizações

85 Alcide d'Orbigny, *Voyage dans l'Amérique Méridionale du Brésil, la République orientale de l'Uruguay, la République Argentine, la Patogonie, la République de Chili, la République de Bolivia, la République du Perou* (1826, 1827, 1828, 1829, 1831, 1832, et 1833). Paris: Bertrand, 1842.

86 Paul Ehrenreich (1855-1914), *Anthropologische studien uber die ur bewohner brasiliens vornehmlich der staaten Matto Grosso, Goyaz une Amazonas* (Purus-gebiet): nach eigenen aufnahmenuno beobachtungen den jahren 1887 bis 1889. Braunschweig: F., Vieweg, 1897, viii, p. 165. Parte do seu trabalho foram publicadas no Jornal do Commercio.

ao tempo da descoberta e a discutidas afinidades culturais; pois bem, as mais recentes hipóteses sobre a origem dos tupis colocam o seu foco de irradiação na Amazônia. O padre Schmidt, cujos vastos estudos de história cultural, se bem que se ressintam de certos pressupostos de generalização e de alguns descuidos gráficos, tanto contribuíram para o incremento da etnologia, põe a origem dos tupis na alta Amazônia peruana, em vista das afinidades culturais que julga maiores entre eles e os povos da parte setentrional dos Andes. Alfred Métraux, no notável livro sobre a civilização material desses índios e na memória sobre as migrações tupis publicada no *Jornal dos Americanistas*, demonstra que tiveram como próprio e incontestado domínio as regiões entre o Madeira e o Tocantins. Já Varnhagen na sua carta ao Instituto Histórico, lembrando que os omáguas do Alto Amazonas são tupis, sugeria que estes migraram do Peru para o Brasil sul-oriental, através dos rios amazônicos do planalto brasileiro. Vê-se pois que o padre Schmidt e Krause se aproximaram mais da intuição de Varnhagen, e Métraux, para quem a cultura tupi denuncia essencialmente o meio amazônico, desenvolve as ideias que Gonçalves Dias apresentara. Assim as investigações mais modernas dão ganho de causa nessa questão aos nossos grandes historiógrafos contra Martius e d'Orbigny.

Associando embora a importância etnográfica do Amazonas aos destinos do tupi, o fato é que, na sua hipótese, Gonçalves Dias teve a intuição da importância do vale amazônico e especialmente da zona inferior paraense na formação cultural dos povos sul-americanos, ligando-a às condições naturais, à abundância de recursos de pesca, de caça, etc., que favoreceram, na Amazônia, a formação de uma civilização rudimentar.

Admitia mesmo, de maneira embora menos precisa, as grandes migrações vindas do Norte, ideia que aliás não era, já nesse tempo, opinião isolada e que os escritores de então fiavam sobretudo de certas analogias entre os costumes dos índios das duas Américas, segundo Lafitau e outros, que exageraram o alcance dessas semelhanças.

O nosso escritor invoca mesmo a tal respeito os *Anais mexicanos* e,

de acordo com as interpretações necessariamente ainda embrionárias dos autores do tempo, julga que o século XI foi a época menos remota em que povos mais bárbaros poderiam ter descido do Norte através das civilizações centro-americanas⁸⁷.

Para a teoria moderna da origem dos tupis no Alto Ama zonas contribuiu sobretudo um engano de Friedrich e da tradução, por Alberto Löfgren, do velho Hans Staden, tão citado por Gonçalves Dias; atribuíram sarabatanas aos tupinambás, numa passagem onde, como mostrou Nordenskjöld, a palavra *rore* não podia ter tal sentido. No nosso estudo sobre os tupis do Gurupi, apresentado ao recente Congresso de Americanistas de La Plata, revimos alguns lados da questão mostrando que os tupis tiveram, provavelmente, a sua área inicial do Xingu ao Tocantins.

Vê-se, pois, que a ciência do tempo, embora ainda tão obscuramente, já lobrigava os grandes movimentos de povos americanos do Norte para o Sul, o que é hoje hipótese adotada por eminentes cientistas para explicar as semelhanças das mais antigas culturas de acordo com a ideia da origem asiática dos ancestrais americanos; nota-se ainda quanto o nosso compatriota estava a par do que a tal respeito então se escrevia. Vê-se também que ele não se deixou levar pela ideia do autoctonismo dos índios, que voltaria à baila em fins do século passado, mas que hoje está por terra.

Sofria Gonçalves Dias a influência da *tupimania* do tempo, mas seria grave injustiça supô-lo obcecado por ela. Julgava aliás os tupis os últimos advindos à Sul América e assim é que diz: “Eram os tupis a *última* ou a *única* raça conquistadora”. Falando deles e dos tapuias, constata: “Duas raças, por tanto, e duas pelo menos, habitavam o território do Brasil.”

Quanto à identidade fundamental dos caribas e aceita, era ideia

87 Sobre as relações arcaicas entre as duas Américas, ver Raimundo Lopes, *Les Indiens Arikêmes e La Civilisation Lacustre du Brésil*; além trabalhos de von A. Stubel e M. Uhle, *Die ruinenstaette von tid inenstaette von tiahuanaco inhochlande des alten Peru: eine kulturgeschichtliche studie auf gru bstaendiger aufnahmen*. Leipzig: K.W., Hiersemann, 1892; Erland Nordenskjöld (1877-1932), *Comparative Ethnographical Studies*, Goteborg, 1931.

vigente. E se hoje não se vai até uma aproximação formal, admitem-se pelo menos “apreciáveis” afinida des entre essas duas grandes estirpes indígenas⁸⁸.

Foram até exaltados os caribas, e não por ele, como descendentes dos carios da Ásia Menor ou pelo menos como portadores do muiraquitã e dos princípios civilizadores⁸⁹.

Entre Varnhagen e Gonçalves Dias a prioridade da ideia das migrações N.S. era deste. O prefácio de Gonçalves Dias à edição de Berredo, do Maranhão, 1849, é datado de 5 de de zembro de 1848; nele é formulada essa ideia à página XII.

A carta de Varnhagen é datada de Madrid, de 19 de abril de 1849; foi publicada sob o título ETNOGRAFIA INDÍGENA, na *Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*⁹⁰.

Não conheço menção alguma idêntica a essa do prefácio aos Anais de Berredo e anterior, de migração dos tupis dispersando-se das florestas do Pará após aí se ter fixado a tribo-mãe, vinda do istmo de Panamá, e retornando da costa oriental do Brasil pela pressão da conquista. O Pará até 1850 abrangia toda a Amazônia brasileira.

Varnhagen, escrevendo pouco depois, estando na Europa dificilmente podia ter conhecimento da ideia de Gonçalves Dias, salvo se essas tendências eram mais ou menos admitidas entre os do Instituto. Varnhagen se refere a que desde Hervás prevalecia a ideia da dispersão a partir do Paraguai.

A CLASSIFICAÇÃO | *Os tapuias* | Ao lado dos traços comuns, que atribui aos tapuias, o autor de *Brasil e Oceania* fala dos contrastes entre essas tribos do interior, deixando margem a uma pluralidade de grupos. A palavra “tapuia” (da qual Varnhagen criticava o uso com certa razão, mas que até o próprio von den Steinen empregaria) corresponde ao grupo jê

88 Ver Edgard Roquette-Pinto, Rondônia. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 2ª edição, 1919; 1ª edição, 1916, p. 214.

89 Varnhagen por sua vez engenhava uma "origem turaniana dostupan-Caribes".

90 V, 21, 1858, p. 430-441.

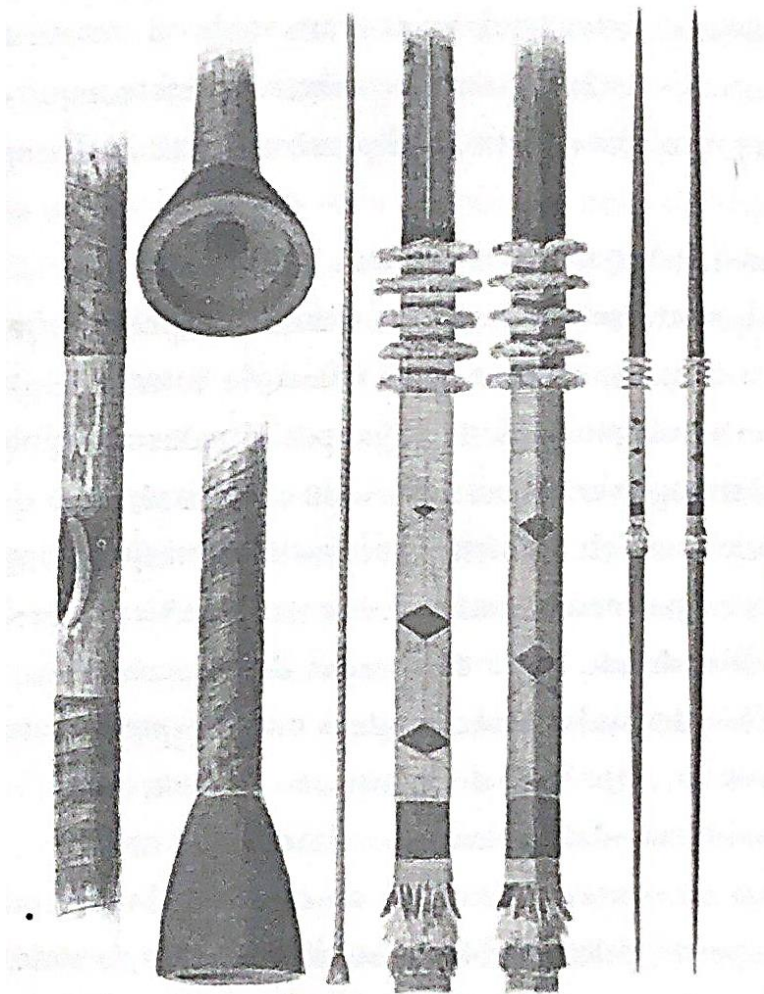
principalmente, mas como reconhecia Gonçalves Dias, havia diversidade entre as línguas dessa gente, não sendo ainda fácil deslindar essa complexa massa a que ele como outros dava tão imprópria denominação. E quem então, mesmo com maior cabedal de dados, os classificaria melhor?

Afinal de contas o grupo jê ou cran de Martius era formado apenas pelos do Norte: o sábio alemão formara com os botocudos o grupo cran, arbitrariamente, ao passo que Gonçalves Dias admitia a identidade linguística entre estes e aqueles, quando, na nota anteposta ao VOCABULÁRIO DA LÍNGUA GERAL, afirmava, referindo-se a um pequeno vocabulário dos pupecrans do Mearim, por ele obtido, e que não foi publicado, nem sabemos se ainda existe, que a linguagem e os usos desses tapuias do Maranhão os ligavam aos aimorés (botocudos). Releva notar que Gonçalves Dias conhecia essa e outras tribos orientais através da obra de Maximiliano de Wied, que cita largamente

Von den Steinen, na sua obra fundamental sobre a primeira expedição ao Xingu, associava, num amplo grupo tapuia, os jês de Martius, os botocudos, goitacazes e carajás restabelecendo, assim, com fundamentos novos e mais nitidez, a distribuição gonçalviana⁹¹. Mais tarde seriam separados por Ehrenreich e outros os grupos carajá, cariri e puri-goitacaz; pois bem, estes dois são justamente aqueles que Gonçalves Dias notara relativamente autônomos no bloco tapuia, o qual permanece como um agrupamento de afinidades culturais e linguísticas parciais, a que foram agregados, até certo ponto, os nambiquaras da Rondônia, de Roquette-Pinto.

A classificação de Martius, historicamente, é o ponto de partida das modernas, mas é gratuita a suposição de que ele assentara as bases da atual divisão.

91 Karl von den Steinen, *Expedição ao Brasil central e à região do rio Xingu*, 1884-1885.



Arcos e sarabatana | Coleção do Museu Nacional.

Quando se vê que alguns dos grupos de Martius, os guck, a *colluvies gentium* – foram totalmente desfeitos e rejeitados, e que tantos grupos novos vêm sendo admitidos, sente-se que não será razoável increpar ao autor de *Brasil e Oceania* a não caracterização dos outros grupos cuja pluralidade ele achava possível e até provável. Mas uma classificação desse gênero jamais poderá ser um quadro rígido

A simplicidade do esquema etnográfico gonçalvino é mais uma questão de insuficiência de dados, do que do preconceito da tupimania, que no nosso autor era mitigado pelo bom senso e pela cultura, se bem que em o *Brasil e Oceania* se note a ingenuidade de certos argumentos eruditos a que faltou o apoio da observação. Ele já conhecia, de certo, os índios do Maranhão: quando nasceu, uns quatro anos depois de Martius ter passado por lá e visto timbiras e tupis mansos, Caxias das Aldeias Altas era ainda bem indiática. Essas observações da juventude se evidenciam nas páginas da grande memória, naturalmente incompletas ou indeterminadas, como, por exemplo, quando fala de um atirador indígena que observou.

Eis o que resta com o nome de timbira, nas selvas maranhenses: uma pequena cabilda mansa, assinalada já no mapa de St. Amand (seriam os mesmos *pupecrans* de Gonçalves Dias?) e situada na zona de Bacabal (Baixo Mearim); incursões, aos timbiras atribuídas, nas florestas do Pindaré; uma aldeia, denominada dos timbiras, no Cajuapára, um dos formadores do Gurupi e os de Arapariteua, neste rio, alguns dos quais conheci em 1930.

Os canelas a leste do Mearim superior transitam para as chapadas, morando no divisor Corda-Alpercatas. Quanto aos gamelas, de que Paula Ribeiro deu alguns traços, que sabemos deles hoje? Dizimados ou assimilados pela civilização, talvez, ao que por lá me constou, ainda se encontre um resto deles foragidos nas matas do Alto Turi.

Tive ensejo de observar, em São Luís, dois caiapós e um xerente; obtendo então simultaneamente os respectivos vocabulários, impressionou-me “ao vivo” o contraste entre as duas “línguas”, enquanto que o dialeto caiapó tanto se asse melha aos dos timbiras de Nimuendajú⁹² e outros.

Às denominações timbira, canela e gamela, imprecisas e de uso

92 Curt Nimuendajú, naturalista, viajou para o Brasil em 1903 para coletar material indígena para museus europeus. Realizou inúmeras expedições no Brasil e um reconhecido trabalho etnológico. Acabou fixando residência entre os índios e morreu, em 1945, junto aos ticunas.

popular, devem preferir-se os nomes de *hordas*, com as terminações de *cran* e *Bú* (gamela e acobú); é o que depreendemos de uma referência de Ehrenreich, que as aparenta aos caiapós, o que se verifica nos vocabulários de Nimuendajú, Fritz Krause, etc⁹³.

Essas hordas não se podem considerar, em conjunto, bem estudadas, se bem que algumas o fossem por Martius e Castelnau. Paula Ribeiro deixou a respeito dos seus costumes e lutas dados sinceros, em parte de observação própria, na sua memória, do volume *III da Revista Trimestral do Instituto Histórico*. A Castelnau devemos vocabulários dos dialetos do zona tocantina⁹⁴, a Martius um dos aponegicrans, “timbira de canela fina”. O sr. Etienne Ignace reuniu num artigo de *Anthropos*⁹⁵, volume V, o que conheceu a respeito dos capie-crans (canelas).

Kissenberth observou os canelas da divisória Corda-Alpercatas, publicando breve memória no *Baessler Archiv*⁹⁶. Esses crans ficaram bem estudados depois da memória de Heinrich Sneathlage no *Zeitschrift fur Ethnologie* (1930), do livro de Sylvio Fróes Abreu, *Na terra das palmeiras e das viagens do incansável observador*, que é Nimuendajú. Teodoro Sampaio estuda os craós e segue a divisão de Martius.

E diante de tantas aquisições só a respeito dos famosos jês maranhenses, ainda são grandes as dificuldades, quando se trata de saber, por exemplo, se um grupo novamente estudado, como os da Rondônia, entra ou não na família jê-botocuda.

Não podemos pois regatear a nossa admiração a esses pioneiros da ciência, Martius ampliou os horizontes da etnografia com seus glossários e a sua tentativa de classificação. Os acertos do erudito brasileiro não diminuem a importância dos seus *Beiträge*, onde ainda hoje encontramos um acervo magnífico de elementos de estudo.

Embora fossem eles contemporâneos, estava Gonçalves Dias bem perto da morte quando pela sexta década do século essa obra de Martius

93 Fritz Krause, naturalista do Museu de Leipzig, realizou viagem ao Araguaia, em 1908, 1909.

94 Francis Castelnau (1812-1880), *Lista vocabular guaná*, [s.1.], 1851

95 *Anthropos*, v. V

96 *Bei den Canela Indianer*.

apareceu.

Dadas as deploráveis circunstâncias que nos privam das conclusões dos seus últimos trabalhos, não sabemos se então as ideias do poeta-sábio se iam modificando.

O seu relatório sobre os artefatos amazonenses é interessante como etnografia descritiva e tecnológica, mas nem era de esperar de trabalho dessa natureza a elucidação de tais problemas; quanto às línguas, limita-se a dizer que a dos jauãs era tão diferente do quíchua como do tupi; sobre essa, ainda hoje Tessmann diverge algo de Paul Rivet.

As cartas sobre a viagem ao Amazonas nada adiantam sobre os índios, nem as que escreveu doente, na Europa, o grande brasileiro. Não é justo, porém, sem provas, supor que ficasse preso ao dualismo “tupi-tapuio” o homem que, já em 1852, dizia que “duas raças pelo menos de índios” habitavam o Brasil.

Couto de Magalhães adotaria, como os outros, a classificação de Martius, e, entretanto, a preocupação do tupi é na sua obra não menor que na de Gonçalves Dias. O próprio Martius, ao parecer insuspeito de Ehrenreich, ainda exagera o papel do tupi...

Essas ideias gerais que acima analisamos estão contidas sobretudo na INTRODUÇÃO de *Brasil e Oceania*.

IDEIAS GERAIS | *Os oceanienses* | Faz estudo minucioso das instituições, costumes e religião dos selvagens, principalmente os tupis. Apesar do que, de excessivamente dualista o seu sistema religioso dos tupis encerra de acordo com os cronistas, do mesmo modo que a interpretação de Couto de Magalhães, baseada na ideia dos espíritos tutelares da natureza (Mães dos seres), é marcadamente panteísta. Apesar também de que ainda se ressentem a obra do critério mais histórico do que etnográfico – esse quadro dos costumes selvagens é interessante, pela exatidão de detalhes como pela intuição psicossocial. E já que falamos de religião selvagem, é força confessar que aí está uma grandíssima dificuldade, num assunto capital, porquanto à desconfiança do índio se alia certo esoterismo inato ao fenômeno religioso, por bárbaro que seja o rito.

Gonçalves Dias, contudo, ao contrário de Couto de Magalhães e outros, não se esqueceu de tratar da teogonia dos heróis civilizadores, segundo notáveis excertos de Thevet. Pois bem, essa teogonia é a base dos mais modernos trabalhos sobre a religião dos tupis, concatenados numa obra de Métraux, aproximando dos dados do cronista observações atuais de Curt Nimuendajú.

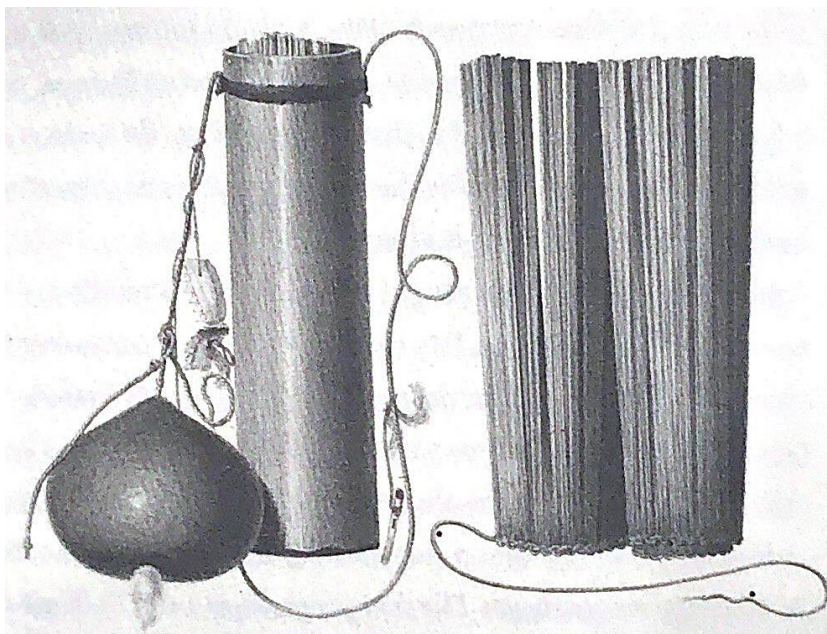
Nisso, como em tudo mais, Gonçalves Dias frequentemente só não conseguiu maiores resultados pelas circunstâncias do seu tempo ou pelas tendências exclusivamente livrescas, eruditas, que pesaram e ainda se sentem, sobre a cultura brasileira. O que em seu abono se deve dizer é que se esforçou, numa época em que a ciência ainda tateava, por orientação positiva. Além da sua preparação na Europa, a Comissão Científica e das instruções oficiais da seção etnográfica desta, os resultados das suas pesquisas na Amazônia como veremos, provam-no bem.

Já notamos que Gonçalves Dias não tinha a tendência sistemática e classificativa. Isto explica um pouco como esse bacharel de Coimbra além do mais preferiu aos sistemas a sua terra, a sua gente e os seus ideais de deísta e de poeta. O capítulo talvez mais forte da obra é o que trata da questão da decadência pré-colombiana dos índios; discutindo essa teoria de Martius exposta em *Die Vergangenheit und Zukunft der amerikanischen Menschheit*⁹⁷, não crê que os nossos índios tivessem perdido uma alta civilização, mas que tiveram uma cultura mais elevada e completa antes do descobrimento. É o que a arqueologia brasileira, cujos achados são posteriores à sua morte, mostraria, em Marajó e alhures.

É estranho que Gonçalves Dias, que se iria ocupar pouco depois de assuntos econômicos, no seu Relatório sobre a Exposição de Paris, e cuja visão filosófica e tendência antropogeográfica eram tão largas, não se ocupe de certas questões econômicas e sociológicas gerais; se a sociologia apenas nas cias então, batizada por Auguste Comte, da economia política, tinham usado e abusado já no Brasil naturalistas, eruditos, viajantes, desde a viagem filosófica de Rodrigues Ferreira, especialmente, no Maranhão, Raimundo José de Sousa Gaioso e Alexandre Antônio

97 O Zucunit americano e o passado da humanidade.

Bernardino Pereira do Lago, sem falar nos estadistas.



Aljava ou patrona, com depósito para sumaúma e dentes de sumaúma e sua esteirinha de setinhas ervadas. Objetos não localizados da Coleção do Museu Nacional.

Da sua intimidade, porém, com as grandes obras orientadoras do espírito humano temos mais de uma evidência. As instruções que recebeu para a Comissão Científica recomendavam-lhe que verificasse pela observação as ideias de Giambattista Vico sobre a história social, assim como as de Franz Joseph Gall sobre a cranioscopia. E tal é a largueza dos seus conceitos em matéria social que um artigo de Nina Rodrigues lhe dá o título de sociólogo, cremos que com razão.

Noutro capítulo analisa a colonização do Brasil, com largueza que então se encontraria nos magistrais ensaios de João Lisboa sobre tais questões. Numa página sobre os degredados, candente e documentada com o tremendo libelo da carta de Duarte Coelho a el-rei, exprime o melhor das ideias que, exageradas com as revelações horripilantes dos

papéis da Inquisição na colônia, serviram a Paulo Prado para traçar o seu triste Retrato do Brasil.

Gonçalves Dias não deixou de notar a desigualdade da comparação entre um país da América e uma complexa parte do mundo; e sanou esse inconveniente como podia, envolvendo nas suas comparações, quando necessário, os índios da América geral.

Na segunda parte, depois de estudar os diversos grupos de povos da Oceania, compara-os com os nossos índios, aproveitando paralelismos que o estado de cultura determina analogias que hoje a ciência preenderá à ideia presentemente vitoriosa, da origem asiática dos povos da América, tanto como dos da Oceania.

Mostra-se cético, por motivos, aliás, de ordem geográfica, baseado em d'Urville, Humboldt e outros, a propósito de certas teorias excessivamente arrojadas, como a da origem sul-americana dos polinésios; a ciência atual não parece, aliás, disposta em favor delas⁹⁸. Prefere-se fazer descer da Ásia as migrações americanas, ao alvorecer dos tempos holocenos, ou atuais, dos geólogos, e, com Rivet, trazer, através do Pacífico, os polinésios para a América nas suas canoas de balancim.

Mas como entendem Nordenskjöld e outros, tais migrações marítimas devem ter sido acidentais na formação cultural ameríndia, tendo esta, segundo ideia aceitável hoje (como ao tempo de Gonçalves Dias), uma evolução própria sobre raízes asiáticas.

Nessas questões, como em todas, o nosso escritor guia-se pelo que de mais plausível se encontrava nos trabalhos dos nomes mais ilustres da ciência de então, e que lhe eram de fácil consulta. E com eles acertou no que podia então acertar. Era, aliás, um arrojo naquele tempo e no Brasil tratar um tema tão amplo de etnologia comparada.

Mostrando a maior diversidade cultural da Oceania, pende, quanto ao problema social da assimilação e da catequese, para considerar mais favoráveis as condições da população aborígine brasileira, menos arraigada, pensava ele, aos cultos ou a instituições prestigiosas – tais no mundo oceaniense, o tabu, e as religiões asiáticas - e, por outro lado, com

98 Ver H. Vignaud, *Journal des américanistes de Paris*, v. XIV.

certos rudimentos de cultura. Nessas páginas da CONCLUSÃO faz se vera e elevada crítica à atuação dos jesuítas. Mostra como os jesuítas, a despeito de todo seu saber, atividade e dedicação, realizando o que podemos chamar a domesticação do índio, prestaram talvez involuntariamente melhores serviços aos portugueses que aos catecúmenos. Cita o Plano sobre a civilização dos índios do Brasil de Domingos Alves Branco Muniz Barreto (manuscrito Instituto Histórico)⁹⁹, onde este trata de incidente típico do governo temporal dos loiolianos.

Ainda bem que não se serviu de documentos tão suspeitos quanto a Dedução cronológica pombalina que tem interpretações como a do suposto tratado sedicioso dos jesuítas com os índios amanajós, em que a palavra guajajaras é considerada da como significando os brancos!? A propósito dessa crítica à grande ordem da Igreja é bem de ver que, embora pareça sinceramente católico e profundamente cristão, o seu providencialismo, que frisa às vezes pelos limites do fatalismo e surge até nas páginas mais acentuadamente científicas, não o impedia de exercer a sua crítica sobre a igreja militante.

Traça o nosso poeta, então, rápido mas sugestivo confronto das grandes religiões orientais professadas na Oceania: o bramanismo com suas castas, o maometismo paradoxal mente fatalista e combativo, e dos cultos polinésios com o tabu a esmagar a personalidade humana.

O *Brasil e Oceania* permanece um formoso atestado de saber, redoidado pelo idealismo generoso e pelo estilo sóbrio e elegante.

A LÍNGUA TUPI | Em matéria de línguas indígenas, sua obra capital é o Dicionário da língua tupi, chamada *Língua geral dos indígenas do Brasil*¹⁰⁰. Serviram-lhe de material para ele a Poranduba maranhense, as gramáticas dos jesuítas, o *Dicionário brasileiro*, etc. Era um glossário erudito quase unicamente copioso, rico em expressões e acurado, atestando prefácio, numa referência em que lamenta não poder empregar sinais fônicos, que mesmo quando lhe não era possível utilizá-

⁹⁹ Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, V. 19, 1856, p. 40, 100 Lipsia: F.A. Brockhaus, 1858.

los, não descurava nenhum dos meios e processos de que então se servia a ciência em tais estudos. Preparara nova edição do seu "dicionário caboclo" como o denomina com o carinho de autor e de nativista em carta do Rio de Janeiro, 25 de janeiro de 1862¹⁰¹, tendo-se também extraviado, com o naufrágio do *Ville de Boulogne*, o exemplar anotado para esse fim.

Entre os resultados angariados por Gonçalves Dias no campo especial da língua tupi, vemos ainda na *Revista do Instituto Histórico* um VOCABULÁRIO DA LÍNGUA GERAL usada no Amazonas, calcado sobre o que lhe fornecera o bispo do Pará e precedido de uma nota ou comentário comparativo entre ele e o *Dicionário brasileiro* de 1795, no qual mostra diferenças e alterações fonéticas da língua geral no Pará e no Maranhão.

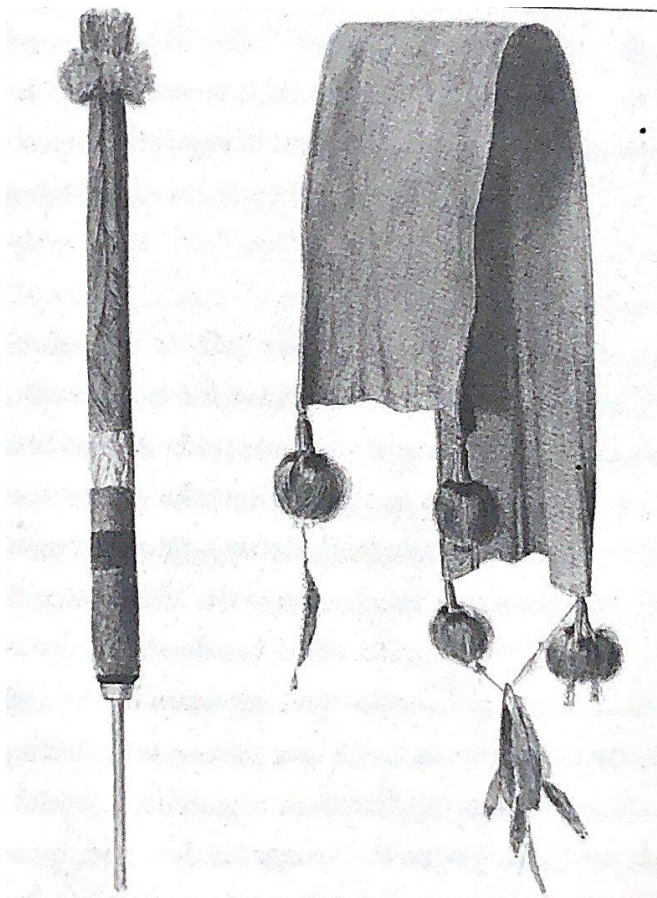
Vê-se que o vocabulário pouco difere do *Dicionário brasileiro*, publicado em Lisboa, por um anônimo no ano de 1795. Observaremos contudo, se os confrontarmos a introdução de alguns termos novos como aqueles, que designam a festividade da Páscoa, dias da semana, roupa, machado, etc., o emprego de alguns *epellatios* para significarem objetos anteriormente conhecidos por outras designações a substituição de umas vogais por outras, tais como *u* por *b* como mocaua, ipéua, por mocaba, ipeba; o *e* por *i*, como e por *yg* ou *ig*, por embira, euecê por ybucey; o *o* pelo *u* principalmente na partícula *mo* que a juntam ao verbo para ativar-lhe a significação. A elisão do *g* no meio de algumas palavras e no princípio de todas ou quase todas as poucas que começavam por essa letra, como getyca, guabiru, guaxinim, guananá, guirá, guata, pois hoje pronunciam jutica, uaiuru, uassu¹⁰².

Esteira – miaçaua é meansaba no Maranhão. Observa mo dificações de idiotismos, fraseado, gramática.

Eram afinal esses léxicos tupis, das suas obras científicas, as únicas citadas pelos especialistas, por exemplo, o *Dicionário* por Steinen, o *Vocabulário* por H. Snethlage.

101 Manuscrito da biblioteca nacional.

102 Ver Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. V. XVII. MAAVAA



Cetro emplumado e tanga-avental | Região do rio Branco | Bafuanás | Coleção do Museu Nacional.

Desde o léxico do nosso poeta só se desenvolveriam os estudos da língua boa, realmente na obra imponente de Batista Caetano, nas interpretações comparativas gramaticais de L. Adam e Tastevin, e graças às pesquisas regionais dos etnógrafos.

Couto de Magalhães, que muito estudou o tupi, fazendo até um manual para o ensino da língua pelo método Ollendorf, cita o *Dicionário* de Gonçalves Dias com uma restrição que trai a frieza do “oficial do mesmo ofício”. E ainda bem, pois no resto de *O selvagem* o príncipe dos

indianistas só aparece como poeta.

Observarei, contudo, que o tupi “paraense”, anambé e popular, influenciado pelas gramáticas dos jesuítas, que Couto de Magalhães usa, é de boa lei, mas não se avantajava ao de Gonçalves Dias, de análogas fontes nortistas e eruditas.

A contribuição mais notável do autor de *O selvagem* domínio do *nheengatu*, é a das lendas e cantigas – deve-lhe a mestiçagem psicossocial; Celso Magalhães cola também com o folclore nacional - nesse estudo se Sílvio Romero acerca dos fatores da nossa literatura.

AS AMAZONAS E A TUPIMANIA | O estudo sobre as amazonas¹⁰³ atesta o critério de historiador e o saber clássico que era, aliás, apanágio da grande geração da Atenas brasileira.

Através dos autores antigos, Gonçalves Dias investiga o que pode haver de fundo real, deturpado pelos mitos e pela fantasia dos poetas, nas amazonas do Velho Mundo. Passa depois às do Novo Mundo, observando que estas ainda são mais duvidosas, pensando que, na elaboração legendária, ao lado do elemento índio (o que parece sobretudo provável pelo ceticismo com que Herrera registrou a lenda) há uma parte de mútua sugestão do europeu e do índio, ou seja, uma como que transfusão de legendas. Isto nada teria de extraordinário, dando-se o desconto do que foi interpretação tendenciosa dos conquistadores.

Não se recusa Gonçalves Dias a admitir fatos reais da vida indígena ligados à lenda, podendo-se dizer, com certos cronistas, que Orellana nada mais viu do que mulheres guerreando. Por outro lado, considera que, nas lutas entre tribos e por via da conquista, pode ter havido excesso numérico limitado e grupos ocasionais de mulheres.

Gonçalves Dias, por seu lado, aventura uma explicação: as “mulheres guerreiras” sem marido, “inclusive as do Ore noco”, as *Aikeanbeannas* de Gilii, seriam as dos tupis vencidos, as quais fugiam ao jugo dos caribas; as

103 Ver Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, V. XXIII

“pedras das amazonas” seriam tembetás (?). Sugeriu-lhe tal noção uma referência de Yves d'Evreux à origem tupi das amazonas. Se exagerou tanto na ligação geográfica, foi por aproximar dois autores dignos de fé. E os tupis, desde o século XVI, sobem e transpõem o rio Mar.

Ao falar das incursões caribas ele se refere ao conhecido caso do bilinguismo das mulheres dos aruaques tomadas pela tribo adversa. Nem aí, nem alhures, na sua obra transparece o parentesco entre esses aruaques das Antilhas, os aruaquizes do Uatumã, os maipures de Gilii. Essa incompreensão da grande família, depois predileta da escola alemã e a qual se atribuiu o melhor da arqueologia brasileira, seria imperdoável se não a tivesse partilhado o próprio Martius, cujos aruaques são apenas o grupinho da Guiana brasileira, sem ligação com os parecis nem com os que incluiu no grupo dos gucks.

Tanto a ideia de Gonçalves Dias sobre a origem da lenda é judiciosa, que Farabee foi informado, na região do T. de isolado grupo, ou maloca de mulheres de idade, que “como há mais mulheres que homens entre os uapixanas, pouca esperança há de acharem novos maridos”, mas que, a mente, obtempera esse explorador, “nada tem das amazonas da lenda”, ainda corrente no Amazonas e no Baixo Rio Negro.

Acrescente-se a isso a separação normal das portas e alojamentos dos índios e das índias nas malocas de certas tribos a exclusão das mulheres do culto, como entre os parecis¹⁰⁴. As diferenças de linguagem indicando apropriação das mulheres dos vencidos, a anterioridade teórica do matriarcado, admitidas por alguns teóricos ou, em todo o caso, os traços positivos deste em nossas tribos, eis outros tantos elementos que podem ter concorrido para a lenda, já no seu fundo indígena quase indeterminável, já na sua forma, posterior à influência europeia. Não fosse a lenda de Manoa del Dorado, elaborada pela cobiça dos aventureiros, mas sobre um fato real, a cerimônia da sagração do zipa de Bogotá, na lagoa sagrada, unguido de oiro.

O fato é que essas lendas são complexas a interpretar! Não podem servir para explicar a cultura indígena e suas como tentou Barbosa

104 Roquette-Pinto, *Rondônia*, ob. cit.; Farabee, *The Central Arawaks*.

Rodrigues (depois de Gonçalves Dias), servindo-se delas e dos *muiraquitãs* ou amuletos, para arquitetar a hipótese de um herói civilizador, guerreiro e religioso – o Votan dos tzentalos, o Itzamna dos maias, na Amazônia.

É curioso que Gonçalves Dias diga sempre “pedra das amazonas”, não empregando a palavra *muiraquitãs*. Quanto à etimologia desta palavra, lembre-se que o padre Jesus de Moraes³⁹ escreve *puúraqitan*; é possível que a etimologia seja *conta-pedra* (ou *conta-nódulo*?) – de *puhira*, *conta*, *mi çanga*, na língua geral (puera-cueio, o “aventil” das mulheres do Uaupés)¹⁰⁵. A forma *muiraquitã* dificilmente achará interpretação plausível nos léxicos do tupi e talvez seja híbrida.

É estranha a diferença que a Gonçalves Dias ainda escapava entre as duas áreas da arte das pedras – a dos *tembetás* no planalto brasileiro e a dos *muiraquitãs*, *amazônio-ístmicos*, tanto mais quanto sabemos que elas interferem no Maranhão, onde os cronistas falam de *tembetás*, mas onde encontrei *muiraquitãs* dos lacustres do Cajarí, e com a área florestal onde atualmente *urubus* e *amanajés* usam colares e ornatos labiais de plumas.

A pedra cilíndrica dos *uaupés*, na língua geral, é *tucháuritá*, quer dizer simplesmente *pedra de chefe*. Não nos percamos, porém, nas sirtes da etimologia, como o autor do MUIRAQUITÃ. Como aceitarmos, por exemplo, que a jazida da *costa de Peru*, acima de Óbidos, seja a “ilha das amazonas”...

E se nessas brilhantes e aventurosas construções um sábio de tal valor gastou cabedal de erudição e observação, que lhe sobejavam, é mais uma razão para louvarmos quem, sendo poeta, não se deixara arrastar pelo prestígio das legendárias guerreiras do rio Mar. Talvez o sentimento da verdadeira poesia estimulasse esse claro espírito, contra a fantasia das hipóteses extravagantes. Seríamos, aliás, injustos se depreciássemos esses grandes nomes pelo tributo que pagaram às ideias do tempo.

De Barbosa Rodrigues podemos dizer que se viu diante de um dos problemas mais desafiadores: a arqueologia da Amazônia; e que, além do mais que legou à ciência, deve-se-lhe um dos primeiros passos para a

¹⁰⁵ Padre Jesus de Moraes, História da Companhia de Jesus, no Maranhão. Rio de Janeiro: Cândido Mendes de Almeida, 1860, p. 515.

caracterização antropológica dos índios, seus textos, descrições, figuras, são deficientes mas como, sem auxílio deles, poderíamos compreender certos pontos da psicologia indígena?

Quanto à tupimania, lembremos que esta vinha de longe, do passado colonial, e que perdurou depois, se é que ainda não tem por aí os seus fiéis. Nas pesquisas históricas, mandadas fazer pelo governo, em Portugal, a Gonçalves Dias sucedeu João Lisboa. Devemo-lhes duas obras notáveis, de grande alcance para a nossa história étnica: a crônica jesuítica de Bettendorf e a história de frei Vicente do Salvador, das quais obtiveram cópias nos arquivos da antiga metrópole.

Foi então que talvez se perdeu no mar morto da burocracia uma parte da sua obra fecunda e indefessa de erudito, pois chegaram a se extraviar na secretaria do império manus critos relativos às suas pesquisas históricas, como alega na sua carta, dirigida ao ministro por intermédio de Capanema, carta cujos termos eram tão altivos que, segundo Henrique Leal¹⁰⁶, não constava aquele cientista ter entregado a mesma “no que obrou bem”. Por essa carta e outros fatos se vê de que intrigas, que ficaram nos limbos onde se aninha o anonimato da malícia onipotente¹⁰⁷, foi vítima o grande brasileiro, e entrevê-se (embora um tanto imprecisas ou confusas certas indicações biográficas a esse respeito contidas no *Pantheon*, e bastante obscuros, ainda, permaneçam tais casos) o caso em que mergulhou nesse final de sua vida parte da sua obra como do que conseguira fazer nessa comissão e na de exploração científica da qual foi *magna pars*¹⁰⁸.

A COMISSÃO CIENTIFICA E A COLEÇÃO AMAZONENSE | A comissão e o Ceará | A história da comissão científica, em que Gonçalves Dias era (além do encarregado da etonografia e das informações sobre a agricultura) o

106 Antonio Henriques Leal (1828-1885), *Pantheon maranhense: ensaios biográficos dos maranhenses ilustres já falecidos*. Lisboa: Imprensa nacional. 1873-1875, 4 V., V. III, p. 403.

107 Capistrano de Abreu levantou uma ponta do véu, na sua nota preliminar à edição da História de frei Vicente do Salvador.

108 Cf. Gonçalves Dias, *Processo Abel*, Ceará, 1860.

secret liga-se à final e trágica fase da vida do grande maranhense Dissolvida (1861) a Comissão, sem passar do Ceará, Gonçalves Dias foi até a Amazônia (1861-1862) à procura dos seus índios. De lá voltou aniquilado pelas doenças. Era o declínio precoce do grande trabalhador, declínio a que um naufrágio viria por fim, no resvaladouro da morte.

Assim, numa atmosfera de adversidade, seguiu ele para a Europa (1862), para de lá voltar sempre e mais doente, e se afundar nos baixos do golfo maranhense.

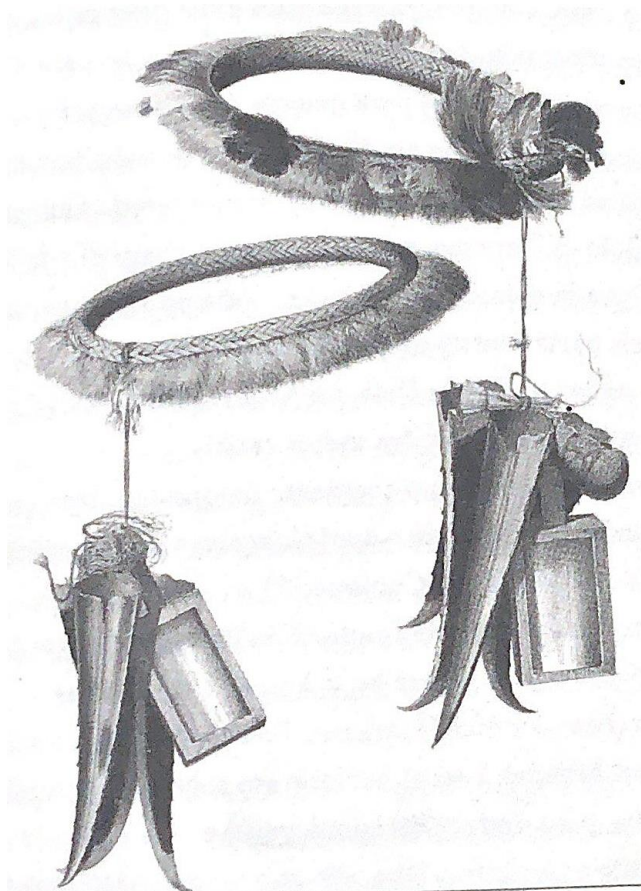
A biblioteca da Comissão organizada sob o controle e cuidados de Gonçalves Dias passaria a constituir o elemento básico, mais de metade, da nascente Biblioteca do Museu Nacional, que recebeu ainda aparelhos, o herbário do Freire Alemão, por exemplo.

Não me deterei na história da empresa, traçada aliás no volume *Introdução dos trabalhos da Comissão Científica de De exploração* e nas cartas escritas por Gonçalves Dias, do Ceará, para o *Jornal do Commercio*¹⁰⁹, Apenas recordarei que nas instruções respectivas assinadas pelo ministro Couto Ferraz há toda uma série de itens para a secção etnográfica em que se prevem, além do emprego da heliografia e do desenho, vocabulários de palavras-fio (*Leitwörter*), diferenças de expressões e costumes dos dois sexos, coleções, enterratórios e sua orientação, enfim todo um programa de trabalhos com uma visão para aquele tempo, e em certos casos para o nosso, bem adiantada.

A Gonçalves Dias, depois de começados os trabalhos, foi dado como adjunto o dr. Francisco de Assis Azevedo Guimarães.

Dividida a Comissão, uma das turmas, composta da Seção de Etnografia e da de Geologia chefiada por Capanema, s guiu pela parte central da província (Baturité, Icó, etc.) até o sertão, onde Gonçalves Dias, no Arquivo Municipal do Crato, pesquisou a história dos índios cariris.

109 Ver BIBLIOGRAFIA GONÇALVINA, artigos de Nogueira da Silva



Acangatar com dentes de tucano e espelho Coleção do Museu Nacional.

Nessa cidade deu-se o incidente da questão Abel com as autoridades locais, sobre o qual Gonçalves Dias escreveu um opúsculo em defesa da Comissão¹¹⁰. Daí regressaram, pela fronteira da Paraíba e do Rio Grande do Norte e pelo Jaguaribe, a Aracati e a Fortaleza.

As seções botânica (Francisco Freire Alemão) e zoológica (Manoel Ferreira Lagos) exploravam sobretudo a região de Ibiapaba, para onde se dirigiu depois a geológica.

¹¹⁰ Gonçalves Dias, *Opúsculo em defesa da Comissão Científica*.

Quanto a Gonçalves Dias, não encontrando mais índios puros no Ceará, partia para a Amazônia. Que essa viagem era parte integrante da expedição que impropriamente se costumou chamar do Ceará, atesta-o o ofício do venerando dr. Francisco Freire Alemão ao ministro J.A. Saraiva, a 13 de abril de 1861, no qual comunica que “o chefe da seção etnográfica se achava explorando as províncias do Pará e Amazonas para onde seguiu em agosto do ano próximo findo” por não oferecer o Ceará “a matéria principal” aos estudos a seu cargo.

A Comissão Científica foi um triste exemplo de como se deprime e inutiliza o valor e esforço do brasileiro. O grande Freire Alemão em carta a Martius fala das circunstâncias do país, confessa os brasileiros bisonhos nessas questões, e elogia e agradece o glossário das línguas indígenas.

O RELATÓRIO SOBRE A COLEÇÃO ETNOGRÁFICA DO AMAZONAS, E AS ESTAMPAS DA “COMISSÃO DE EXPLORAÇÃO” | Merece, no meu entender, a mais atenta consideração do meio científico um trabalho, de aparência modesta, que tem passado despercebido, em publicações de caráter administrativo, e que, entretanto, muito contribui para a elucidação dos últimos estudos do poeta-sábio.

Trata-se do relatório por ele dirigido ao presidente da província do Alto Amazonas, datado de “Manaus, 23 de outubro de 1861”, discriminando o material etnográfico enviado à Exposição Nacional desse ano. Encontrei-o reproduzido na REEDIÇÃO DOS RELATÓRIOS DOS PRESIDENTES DA PROVÍNCIA DO AMAZONAS¹¹¹, apenso à fala do presidente Carneiro da Cunha com outros relatórios da Comissão organizadora da contribuição da província ao certame, da qual era Gonçalves Dias o presidente, tendo assinado também, com João da Silva Coutinho e Antônio José Moreira, uma relação sobre indústrias regionais em geral. Essa publicação é mencionada por M. Nogueira da Silva num dos seus eruditos artigos sobre BIBLIOGRAFIA GONÇALVINA, mas sem destacar entre os demais relatórios o que aqui nos interessa. Lendo-o na Biblioteca Nacional, nessa versão, e, ultimamente, encontrando na

111 *Relatório E*, VII, p. 761-767. Rio de Janeiro, 1906.

Biblioteca do Museu a sua edição antiga noutra publicação intitulada *Exposição Nacional*¹¹², procurei tirar dele esclarecimentos para as dificuldades de interpretação a respeito das estampas litográficas da Comissão Científica, existentes já nos fins do século passado no Museu.

Foi o professor Roquette-Pinto, que iniciara pelo estudo tipológico a reorganização do notável álbum, quem chamou a minha atenção para esse importante documento dos estudos etnográficos do genial brasileiro, quando publiquei o meu primeiro artigo¹¹³ sobre o indianismo gonçalvino, em 1923¹¹⁴.

O esclarecimento geral da questão resulta, justamente, do confronto a que procedi entre vários dados colhidos no Museu com a decisiva cooperação da professora Heloisa Alberto Torres¹¹⁵, e os obtidos pelo citado bibliógrafo maranhense, que me comunicou cartas de Guilherme Schuch de Capanema e de Henrique Fleiuss, diretor do Instituto Artístico, que muito aclaram a questão. São idênticas, de um modo geral, as estampas do Museu Nacional e as estampas para a obra da Comissão Científica, existentes na Biblioteca Nacional – a qual expôs uma série de 89, coloridas, "exemplar único", em 1882¹¹⁶ e 1881¹¹⁷; são quase todas de etnografia, trazendo o carimbo do "Instituto Artístico de Fleiuss, Irmão & Linde". Há exemplares (poucos) com a indicação: "Litografia a vapor A. Marques & Cia., R. Nova do Ouvidor, 33". Verificamos também que na Coleção da Biblioteca Nacional as estampas numeradas, de 1 a 30, com a indicação "Armas Selvagens" trazem impresso (ao alto): "Comissão de

112 CATÁLOGOS DOS PRODUTOS NATURAIS E INDUSTRIAIS, p. 88-96, Rio de Janeiro, 1862.

113 Ver Biblioteca Nacional. *Pacotilha*, 10-VIII-23

114 Cf. Miranda Ribeiro, GONÇALVES DIAS E A ETNOGRAFIA DO BRASIL. *Boletim do Museu Nacional*.

115 As estampas de Gonçalves Dias têm sido cuidadosamente anotadas e estudadas pela professora Heloisa Alberto Torres e pelo autor; é trabalho de pesquisa gradual, lenta, mas de cujos resultados até agora esta memória dá mostras.

116 Ver GUIA DA EXPOSIÇÃO ANTROPOLÓGICA, realizada pelo Museu Nacional do Rio de Janeiro, 29 de julho de 1882. Rio de Janeiro: Leuzinger & Filhos, 1882, p. 66.

117 Ver no 19.260 do Catálogo da Exposição de História, *Anais da Biblioteca Nacional*, v. IX.

Exploração – Seção Etnográfica”; e há muitas não coloridas – entre as quais as de botânica, de Freire Alemão, publicadas nos trabalhos da Comissão.

É o bastante e o indispensável, como base crítica, quanto à identificação das estampas, de um modo geral. Agradecemos, quanto à confrontação das estampas, o auxílio do sr. dr. Aurélio de Souza, da Biblioteca Nacional.

É por outro lado, evidenciado, por documentos que se referem vagamente ao “Álbum Etnográfico” e por uma lista das estampas, em francês, da mão de Ladislau Neto, que este se ocupou da publicação das mesmas.

Quanto ao relatório de 1861, a que de começo nos referimos, ele nos revela¹¹⁸, antes de tudo, que Gonçalves Dias organizou uma coleção de 104 números, marcados com a letra E, mas muitos desses números não são de objetos isolados, e sim caixas com vários artefatos ou maços de flechas e arcos, devendo assim corresponder, pelo menos, a 200 números, segundo o que computamos (de acordo com critério seguido habitualmente hoje na catalogação do Museu). Entre estes (alguns de inestimável valor científico) destacamos, além de tudo, o *complexo* do curare: o urari em massa, os curabis, zarabatanas, esteirinhas de pontas ervadas, aljavas; os murucus-maracás, os *cueios* e *puera cueios* – (tangas de contas) dos uaupés e outras tribos da bacia do rio Negro, uma flauta para a festa de Jurupari, um machado indígena com cabo, pentes dos uaupés, insígnias de tuxauas, remos, colares, um sairé, espadas, vestes, pulseiras, um leque de plumas, dos cocamas, e ainda amostras de tintas, de tecidos, de fibras, uma forma para pintar cuias, uma folhinha de pau¹¹⁹, amostras que bem alto dizem do critério

118 Segundo uma carta que me enviou M. Nogueira da Silva, transparece de uma missiva de Gonçalves Dias a H. Leal que ele chegou a escrever parte do seu relatório da Comissão Científica. E vemos comunicada a da a Olinda, de novo ministro, entrega dos aparelhos da Comissão, em 1862, Museu Nacional.

119 Roquette-Pinto, *Seixos rolados*, fig., p. 98. Ao tempo só era conhecida a procedência amazônica dessa folhinha de pau. As estampas do Instituto Artístico não a representam. Lembra a maneira de contar empírica dos indígenas da Amazônia, a

verdadeiramente científico do colecionador que nada desprezava do que podia esclarecer sobre a vida indígena. Muitas dessas peças estão acompanhadas de esclarecimentos sobre o seu uso. Há também indicações de destinação ou propriedade e origem, sendo em parte devidas ao concurso dos comandantes Nuno A. Car doso e Rufino Luís Tavares e provenientes de tribos de todos os rios da província. Sabemos, combinando uma passagem do *Pantheon maranhense* e a referência do relatório do presidente Manoel Carneiro da Cunha (o mesmo a que são anexos os da comissão presidida por Gonçalves Dias), que o preclara maranhense, visitando as escolas do Amazonas, percorreu até as regiões fronteiriças o Solimões, o Negro e o Madeir; o relatório sobre as escolas do Solimões saiu com a fala de 1861; o referente às outras viagens não saiu com a respectiva mensagem nem o mesmo Nogueira da Silva ainda colheu algum indício de sua publicação. Em todo caso, como este bibliógrafo patrício acaba de encontrar o relatório de 1851 sobre a instrução do Norte, não desesperemos de ainda ter novas dessa visita das escolas e, o que melhor seria, do relatório geral ou das anotações etnográficas, como as do exemplar revisto do *Dicionário da língua tupi*, que se extraviaram¹²⁰.

Por enquanto, bastam o *Relatório E* e seus consecutários de 1861, os quais constituem uma verdadeira resenha da vida regional, publicados nas *Falas e no Catálogo*, para estabelecer de modo inequívoco os principais aspectos da viagem científica do grande indianista.

Antes, porém, de catalogar a coleção, o relatório explana aspectos da etnografia amazônica. Notando que os mundurucus são os mais

“papassawa” do Solimões, *apud* Tastevin.

¹²⁰ É provável, dada a extraordinária produtividade de Gonçalves Dias, que, doente, esboçasse e não acabasse o relatório (texto para obra da Comissão Científica). As cartas que escreveu da Europa (manuscrito da Biblioteca Nacional) revelam apenas a marcha da doença e das desilusões. Sabendo que o imperador esperava produções dele, respondeu a Porto-Alegre que Sua Majestade tivesse santa paciência. [...] A propósito, notemos o contraste entre as expressões sóbrias e elevadas quando se refere ao monarca illustre e generoso (que após a sua morte ainda lhe ampararia a pobre mãe) e as ingenuas ou excessivas de outros, por exemplo o dr. Davi Canabarro na aliás muito interessante explicação sobre as sua ofertas de 1861.

peritos na arte das plumas, pela combinação das cores” e “mesmo na perfeição dos tecidos” vindo em seguida os ararás, observa que as tribos mais hábeis nesses enfeites de guerra e festa são justamente as que permaneceram isoladas, as de índole mais intratável e rebelde, do que é recente e evidente exemplo a coleção de excepcional arte plumária dos urubus obtida na minha excursão ao Gurupi¹²¹. Lembro de passagem que, de índios brasileiros, o que mais se aproxima da técnica das placas de mosaico de plumas, dos urubus, comparável à arte dos *amantecas* mexicanos e à plumária peruviana, é o escudo imperial de plumas dos índios de Thomar – obra de índios mansos, é verdade, mas em região de vida indígena persistente, e nessa aldeia antiga de *Bararuá*, de índios manaos, a tribo do legendário, indômito Ajuricaba. Pois bem, esse escudo não figura na coleção do relatório gonçalvino, mas figurou na Exposição de 1861; tendo sido dado pelo barão de Mauá ao Imperador, foi achado, após a partida da família imperial, em uma pasta da imperatriz.

A introdução do *Relatório E* fala ainda dos juaús (yaguas) das suas tangas de fibras e fraldões de penas. punhos e artelhos que fora ofensa cortar, da sua língua difere do quíchua como do tupi, dos seus acangatares trançados com pingente de dentes de tucano e espelho (documento bem característico, e figurado numa das estampas do Álbum).

A sua comparação do cetro emplumado e da lança do chefe, supondo uma evolução dos costumes guerreiros para as festas da paz, pode ser um tanto apriorística e passamos sobre a suposta ação do sal como antídoto do curare – questão depois tão controvertida, e vamos reencontrar-lhe o critério científico ao dizer que os arcos se distinguem em cada tribo, mais *pela forma* (esquinados, de Silves, chatos, largos e enleados, do Japurá, pontas recurvadas, do Madeira etc.). Temo-lo, ainda, aliado à sua clareza de prosador, na rápida descrição da pesca com a sararaca, de haste de canarana e ponteira de madeira, “coisa que se desmancha” na língua tupi, ficando o arpão no corpo do animal, enquanto

121 Raimundo Lopes, OS TUPIS DO GURUPI, XXV Congresso Internacional de Americanistas, t. 1.

a flecha "decompõe-se (saraçaca) o fio de curauá se desenrola, o hastil da flecha sobrenada, servindo de boia para indicar a carreira, que a presa leva ou o lugar em que se acha[...]".

Na maior parte o material descrito no relatório é análogo ao representado nas lâminas pela procedência e tipo, assim como a muitos objetos da Coleção do Museu e, com menos certeza, há alguns dos artefatos indígenas pertencentes ao mesmo Instituto Histórico e Geográfico, de tipos citados no relatório, sem que sempre se possa facilmente verificar se cor respondem aos mesmos das coleções amazonenses de 1861.

Dois desses documentos são identificáveis com duas estatuetas de madeira (nº 8.242 e 3.198), personagens em vestes sacerdotais, existentes na Coleção do Museu; é o "santo do denominado Cristo da Venezuela" ou "Cristo do Içana", como diz a relação dos objetos coligidos pessoalmente por Gonçalves Dias, no citado catálogo da Exposição de 1861. Esse Cristo do Içana era, explica no mesmo catálogo o dr. Davi Canabarro na relação dos objetos por ele enviados ao imperador, um índio da tribo "piratapuia" (Pirá-tapúya) das cabeceiras do Içana, chamado Alexandre. A ele se refere o poeta maranhense Sousândrade, num excerto, espécie de "noite de Walpurgis" indígena da selva amazonense, d'o guesa errante (original e complexa obra de transição do in dianismo romântico para o simbolismo e escolas análogas):

Geme em Venezuela
Alexandre-Sumé.

Estão bem identificados aos objetos da coleção gonçalvina e das estampas, nas coleções do Museu, os objetos números 4.875 - saco reticular de cordéis de fibra; 4.882 - saco de tecido indígena com desenhos em zigue-zague; 896 - veste de tecido liberiano com desenhos pintados; 4.604 - tamborinho de sairé.

Os de números 5.196 e 5.199, que não estão representados nas estampas, são os nós estatísticos dos bafuanás.

Não sabemos ainda precisamente quando e com exemplares da

coleção de 1861 foram entregues ao Museu Nacional, o qual, em 1882¹²², foi o expositor de vários de por exemplo a folhinha de pau (nº 15) e os nós estatísticos nº 20), Sala Gabriel Soares. Releva notar que muitos objetos expostos em 1861 o foram em 1882 pelo próprio imperador e por Mauá.

Não é de admirar que os espécimens dessa coleção ficassem no Museu sem indicações completas de origem. Isto é muito comum nos museus de maiores tradições; em se tratando de material de tal época e recebido através de tantos interme diários, era quase inevitável. A catalogação do Museu, aliás, antes das nossas pesquisas, já registrava detalhes mínimos e preciosos, por exemplo, a etiqueta “E. 97. I.H.G.” do tamborinho de sairé, de que só agora alcançamos o sentido.

Felizmente, com as pesquisas da professora Heloisa Alberto Torres, no arquivo da Secretaria do Museu e na seção, as coleções antigas se estão aclarando.

É verdade que Gonçalves Dias anotara como destinados ao Instituto Histórico a maior parte dos objetos, seu notar que era sócio do Instituto, que esta corporação dirigira organização da Comissão Científica, mas ao mesmo tempo que, pelas normas oficiais dessa organização, deveriam ser incorporados ao Museu Nacional os espécimes de ciências naturais pela Comissão colecionados.

Em ofício ao presidente do Amazonas, a Comissão presidida por Gonçalves Dias sugere que os objetos a expor deviam ser doados ao Instituto, o qual disporia deles de acordo com o Governo, entregando aos estabelecimentos públicos que justamente os reclamarem” os que conviesse entregar. Ora, o estabelecimento que podia reivindicar os espécimens da Comissão Científica era justamente o Museu Nacional, e se bem que esta Comissão tivesse cessado suas explorações do Ceará, continuavam em preparo as suas obras, às quais se destinavam as estampas etnográficas do Instituto Artístico, como já vimos. Os trabalhos de Gonçalves Dias, na Amazônia, tinham, por tais fatos, tomado caráter especial, prestando serviços à administração provincial, mas continuando

122 Ver Guia da Exposição Antropológica, ob. cit.

ligados ao grande tentame científico.

Os embaraços ao aproveitamento dos resultados da Comissão foram enormes. Gonçalves Dias, de Dresda, a 21 de junho de 1863, escrevia a Capanema uma carta na qual há um trecho que até certo ponto nos esclarece sobre a sua intervenção, apesar da distância e da doença, no andamento do trabalho:

Já te disse que só havia recebido a remessa das estampas de índios, que acompanharam o teu termômetro quebrado. Depois disso parece que já mandaste outras, mas não sei que como varam. Que se conclua isso o mais cedo que puder ser; em, mexer-me, o grosso das despesas de impressão já estará feito; o resto será tolerável, mesmo a pouca vontade dos nossos.

E a seguir:

Desculpa-me com os Fleiuss por não lhes ter ainda escrito.

la entretanto crescendo em mãos dos artistas a bela série de imagens, primor da litografia, que hoje se torna verdadeira preciosidade e mesmo para os nossos dias constitui um modelo de iconografia, pois cada objeto está representado com ampliação dos detalhes importantes.

Devemos ainda ao zelo de Nogueira da Silva os seguintes trechos de cartas de Fleiuss, Irmãos & Linde a Gonçalves Dias:

Ao mesmo tempo mandamos-lhe umas estampas de flechas da sua obra para fazer a descrição; esperamos que o nosso amigo será contente com os nossos trabalhos. Pedimos-lhe de dizer-nos se houver a fazer recomendações. Continuaremos com os outros trabalhos para completar aquela sua obra com toda a perfeição.

Rio, 23 de agosto de 1862.

Pelo sr. Carvalho Moreira temos-lhe mandado [...] dois embrulhos um contendo umas quarenta e tantas estampas sobre os objetos indios, que estamos fazendo para sua parte da Comissão Científica.

Continuamos na sua obra com toda a diligência e [...] zelo de fazer obra primorosa dos objetos dos índios: até hoje são prontos mais de 80 quadros e ainda temos matéria para uma porção deles. Pedimos-lhes de escrever alguma coisa a respeito deste e se tiver ainda mais outros objetos de mandá-los para continuar sem interrupção sua parte etc.

A execução é perfeita e não deixa a desejar; S. M. o imperador, a quem temos mostrado um exemplar em fumo e um colorido, des tinou que todos ficassem coloridos: há de ficar uma obra digna do Brasil.

Os originais destas cartas procedem do arquivo da viúva de Gonçalves Dias e pertencem hoje à "coleção gonçalviana" de M. Nogueira da Silva.

Ultimamente, na coleção de estampas da Exposição de 1861, deparou-se-me uma representando, sob o título PRIMEIRA EXPOSIÇÃO NACIONAL DE 1861 – TROFÉU DE ARMAS INDÍGENAS DO AMAZONAS, o conjunto da coleção que serviu de base a esses trabalhos.

É também de Henrique Fleiuss essa instrutiva série de gravuras, assim como belíssima alegoria à morte do nosso poeta publicada na *Semana Ilustrada*.

Será uma obra digna do Brasil, assim o previu a simpatia dos artistas, essa que o Museu Nacional se empenha agora em completar, reparando mais de meio século de olvido

Tais foram os resultados do esforço daquele espírito extraordinário, enfermo, como ele próprio disse, mas que lutou, venceu, produziu. Sua alma, que vivera da dor, só se curvou à morte; o "oceano terrível", como adolescente vaticinara, guardou-lhe o corpo; dispersaram-se arrolando seus últimos labores, mas a posteridade senão Deus a quem ele tanto ape lava restituiu-lhe os louros da sabedoria que a morte lhe quis regatear.

O seu renome irradiara pelo país e fora dele, como se pode ver nos jornais estrangeiros do tempo, onde o exaltam como expoente da jovem

literatura da sua pátria.

Como a de outros grandes poetas-profetas, a de Dante, a de Goethe, a sua alma foi disputada pela angústia à sabedoria e daí nasceu a sua grandeza. O meio e a sua condição social é que o impediram de voar mais alto. Poeta, cantado depois por grandes poetas, como sábio se ufanava em carta íntima, nos últimos anos de vida, do conceito e amizade dos Ferdinand Denis, dos Martius, dos Capanema, dos Freire Alemão. A sua obra, *una* pela concepção na sua própria complexidade, é um dos padrões indestrutíveis da cultura americana, porque se enraíza no solo firme da ciência e se enflora na mais formosa legenda desabrochada no coração brasileiro.

Assim, integrada a sua obra, ele nos aparecerá cada vez maior, através do tempo, poeta e sábio, entre os artistas su premos, cultos, inspirados pelo sopro divino, e que, muito acima dos espíritos comuns, resumem a alma dos povos.